

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**BRUNELA LIMA BORGES**

**ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO  
DE ESTUDANTES COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**SÃO MATEUS-ES**

**2021**

FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

BRUNELA LIMA BORGES

ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO  
DE ESTUDANTES COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação elaborada e apresentada à  
Universidade Vale do Cricaré como requisito para  
qualificação no curso de Pós Graduação Stricto  
Senso em Ciência, Tecnologia e Educação.  
Orientação da Dra Marcia Moreira de Araújo

SÃO MATEUS-ES

2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

B732e

Borges, Brunela Lima.

Estratégias e ferramentas pedagógicas para a inclusão de estudantes com síndrome de Down na educação básica / Brunela Lima Borges – São Mateus - ES, 2021.

94 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Moreira de Araújo.

1. Educação inclusiva. 2. Síndrome de Down. 3. Metodologias de ensino. 4. Política educacional. I. Araújo, Márcia Moreira de. II. Título.

CDD: 371.92

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

**BRUNELA LIMA BORGES**

**ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PARA  
INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM SÍNDROME DE DOWN NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 30 de novembro de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

*Márcia Moreira de Araújo*

---

**Profa. Dra. Márcia Moreira de Araújo**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**  
**Orientadora**

*Diogo Pinheiro Justino de Souza*

---

**Prof. Dr. Diogo Pinheiro Justino de Souza**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**

*Denize Mezadri de Almeida*

---

**Profa. Dra. Denize Mezadri de Almeida**  
**EMEF José de Vargas Sherrer, Piúma - ES**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado em todos os desafios durante esse processo, a minha mãe por ter me direcionado nos caminhos corretos que Deus nos proporciona.

Ao meu querido pai, que mesmo não se encontrando mais entre nós nessa vida a exatamente dois anos, um mês e doze dias, deixo aqui também o meu agradecimento, pois depois de quarenta e dois dias de seu falecimento, foi nele que me inspirei, busquei forças em Deus para dar início a esse processo de ingressar no mestrado, indo fazer a avaliação para o mesmo, sendo umas das primeiras e serem aprovadas, no dia do meu aniversário.

Aos meus colegas de profissão e alguns de sala de aula, que em muitos momentos me recebiam em suas casas para estudarmos juntos(as) nas aulas online ou que buscavam o meu auxílio de várias formas, também, e amigos que me inspiraram a passar por esse processo desde o início, obrigada.

Agradeço ao meu noivo, que sempre se preocupou comigo perante aos desafios durante esse processo, me incentivando a continuar nos momentos de desânimo.

Eu não poderia deixar de agradecer a minha Orientadora Professora Dra. Marcia Moreira de Araújo, por me conduzir na busca das fontes de pesquisa, dados coletados, se mostrando sempre uma excelente profissional e acima de tudo, um ser humano excepcional. Muito obrigada.

Obrigada ao professor Dr. Diogo Justino , que juntamente com a minha orientadora Profa. Dra. Marcia, desde a qualificação me conduziu a prosseguir na pesquisa da maneira correta, para que essa dissertação fosse concluída com sucesso.

Aos Professores, Doutores e Mestres da banca da defesa dessa dissertação do mestrado, obrigada.

Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.

Lev Semionovitch Vigotski

## RESUMO

BORGES. Brunela Lima. **Estratégias e ferramentas pedagógicas para inclusão de estudantes com Síndrome de Down na educação básica.** 94f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Universidade Vale do Rio Verde, São Mateus, 2021.

Esta pesquisa buscou explorar a importância da inclusão educacional de crianças com Síndrome de Down (SD) no Município de Presidente Kennedy E.S. adentrando as questões facilitadoras promovidas pela escola, além da problemática da inclusão para se obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem do aluno com SD. O objetivo geral deste estudo é analisar quais as dificuldades encontradas por discentes, docentes e familiares dos alunos portadores da síndrome de Down no ambiente escolar e quais os principais desafios no processo de ensino e aprendizagem desse público. Após a construção do objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos: Identificar quais as principais dificuldades para a inclusão dos alunos portadores da síndrome de Down, elaborar um estudo de campo para coletar dados que colaborem na elaboração de um produto de intervenção que vise implantar novas estratégias no processo de ensino e aprendizagem do aluno com síndrome de Down e produzir um manual educativo com práticas pedagógicas e formativas para educação especial para alunos e alunas portadores de síndrome de Down. O estudo se justificou pela necessidade de reformular o plano de ensino aplicado aos alunos com síndrome de Down, que necessita de políticas de inclusão e carece de profissionais com formação específica para tratar o público em questão, já que os alunos não recebem o atendimento devido e acabam invisibilizados devido à ausência da formação de professores e da estruturação do ambiente escolar como um todo. Trata-se de um estudo de caso, que teve como base teóricos como Mantoan (2003), Moreira (2006), Michels (2006), Colossi (2006), Werneck (1993), Vygotsky (1988) e Mader (1997). Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, uma pesquisa categorizada como estudo de caso, com a finalidade de fornecer o conhecimento novos e já publicado acerca da temática da inclusão de estudantes/ pessoas com síndrome de Down nos últimos anos, além de conhecer o que dizem os principais teóricos acerca do assunto. Conclui-se que, após a aplicação dos questionários, foi possível identificar através dos docentes e do aluno pesquisado, as práticas mais favoráveis à aprendizagem efetiva desse estudante, e quais as principais dificuldades no processo de formação do aluno com Síndrome de Down. As análises subsidiaram o produto educativo lúdico em forma de jogo de trilhas com jogos e perguntas.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Síndrome de Down. Ensino-Aprendizagem. Políticas Educacionais.

## ABSTRACT

BORGES Brunela Lima. **Pedagogical strategies and tools for the inclusion of students with Down syndrome in basic education.** 94 f. Dissertation (Professional Masters in Science, Technology and Education) – Universidade Valedo Cricaré, São Mateus, 2021.

This research sought to explore the importance of educational inclusion of children with Down Syndrome (DS) in the city of Presidente Kennedy E.S. entering the facilitating issues promoted by the school, in addition to the issue of inclusion to achieve success in the teaching-learning process of students with DS. The general objective of this study is to analyze the difficulties encountered by students, teachers and families of students with Down syndrome in the school environment and what are the main challenges in the teaching and learning process of this public. After the construction of the general objective, the following specific objectives were proposed: Identify the main difficulties for the inclusion of students with Down syndrome, prepare a field study to collect data that collaborate in the development of an intervention product that aims to implement new strategies in the teaching and learning process of students with Down syndrome and produce an educational manual with pedagogical and training practices for special education for students with Down syndrome. The study was justified by the need to reformulate the teaching plan applied to students with Down syndrome, which needs inclusion policies and lacks professionals with specific training to treat the public in question, since students do not receive the proper care and they end up invisible due to the lack of teacher training and the structuring of the school environment as a whole. This is a case study, based on theorists such as Mantoan (2003), Moreira (2006), Michels (2006), Colossi (2006), Werneck (1993), Vygotsky (1988) and Mader (1997). A literature search was carried out, a research categorized as a case study, in order to provide new and already published knowledge on the topic of the inclusion of students/people with Down syndrome in recent years, in addition to knowing what the main ones say. theorists about the subject. It is concluded that, after the application of the questionnaires, it was possible to identify, through the professors and the researched student, the practices most favorable to the effective learning of this student, and what are the main difficulties in the training process of the student with Down Syndrome. The analyzes supported the playful educational product in the form of a trail game with games and questions.

**Keywords:** Inclusive education. Down's syndrome. Teaching-Learning. Educational Policies.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
1.1 PROBLEMA.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	10
<b>1.2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>10</b>
1.3 JUSTIFICATIVA.....	11
<b>2 REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA.....	12
2.2 RESUMOS DAS DISSERTAÇÕES ESCOLHIDAS PARA COMPOR A PESQUISA.....	14
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN.....	20
3.2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	22
3.3 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA.....	25
3.4 CARACTERIZANDO A SÍNDROME DE DOWN.....	27
3.5 A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN.....	28
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	32
<b>4.1.1 Histórico da Instituição.....</b>	<b>35</b>
<b>4.1.2 Caracterização da Demanda Atendida pela Escola e da Comunidade Escolar.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1.3 Organização Curricular e Metodologias de Ensino.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1.4 Avaliação do Aproveitamento Escolar do Aluno.....</b>	<b>39</b>
4.2 LÓCUS DA PESQUISA.....	40
<b>5 DADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>41</b>
5.1 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES.....	41
5.2 ENTREVISTA COM O ESTUDANTE.....	49
5.3 RODA DE CONVERSA COM OS PROFESSORES.....	56
<b>6 PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>59</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

A inclusão de estudantes com Síndrome de Down no meio educacional apresenta-se como necessidade real dos tempos atuais. Buscando cobrir a lacuna que se deu no século passado, onde a pessoa com deficiência era excluída dos meios sociais, algumas correntes se desenvolveram e fortaleceram a ideia de uma educação de qualidade para essa população.

O tema inclusão tem recorrente discussão entre os educadores, pois há muita controvérsia sobre o assunto. Embora alguns especialistas apoiem totalmente a inclusão de todos os alunos, independentemente da deficiência, alguns especialistas acham que algumas lacunas são a favor da inclusão em relação a outros alunos. Alguns especialistas discordam, portanto, o segundo grupo defende a colocação dessas crianças em instalações especiais ou a existência de turmas específicas para todos os alunos com necessidade de educação especial. Importante destacar que o conhecimento sobre as políticas que asseguram a inclusão destes, precisa ser legitimada e conhecida pelos educadores /as em todo país,

A Síndrome de Down é um distúrbio hereditário que pode ser diagnosticado clinicamente pelas características físicas (fenotípicas)<sup>1</sup> da criança na primeira hora de vida e então confirmado por análise citogenética<sup>2</sup> do tecido transformado. Vários problemas de saúde, como doenças cardíacas, infecções respiratórias, leucemia e distúrbios da tireoide, são comuns em pessoas com Síndrome de Down.

Muitos pais não entendem como a ausência dos sinais de doença pode ser suficiente para diagnosticar clinicamente seu filho como uma criança atípica<sup>3</sup> com Síndrome de Down. Não há cura, não é uma doença e sim, uma anomalia genética. Estudos nesse sentido, têm sido realizados em todo o mundo, melhorando consideravelmente a qualidade de vida dessas pessoas. A expectativa de vida da pessoa com Síndrome de Down aumentou e muito, de 12 anos na década de 1940

---

<sup>1</sup> O fenótipo são as características observáveis ou caracteres de um organismo ou população, como: morfologia, desenvolvimento, propriedades bioquímicas ou fisiológicas e comportamento.

<sup>2</sup> Citogenética é um ramo da genética que estuda a estrutura e função da célula, especialmente os cromossomos.

<sup>3</sup> Termo atualizado em 2021 para determinar pessoas com PCD ( Pessoas com deficiência ) ou autismo.

para 60 anos nos tempos atuais (TRENTIN e SANTOS, 2013).

Os padrões de exclusão datam de milhares de anos na história humana. Já no século XX, o surgimento de escolas profissionais e centros de adaptação e recuperação justificou a exclusão e alienou aqueles que se acreditavam diferentes da vida social. Até o final da década de 1960, surgiram movimentos envolvendo pessoas com deficiência na educação, esporte e entretenimento, tentando modificar o conceito de segmentação.

De acordo com Beyer (2005), a escola historicamente tem sido um lugar de segregação para alunos com deficiência, porém a inclusão desses alunos no ambiente escolar já surte um grande efeito. Antes, não existia espaço escolar para crianças com necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, o advento das escolas especiais tem proporcionado às crianças carentes de educação especial um lugar legítimo nas escolas, mesmo quando isoladas das demais crianças. Isso tem permitido que muitas crianças saiam do confinamento de suas casas, proporcionando assim mais oportunidades de conexão social.

Inicialmente, as pessoas com deficiência foram inseridas em diferentes estratos da sociedade do ponto de vista da inclusão a partir da reabilitação para que as pessoas com deficiência pudessem participar da sociedade. Nesse sentido, os indivíduos devem estar preparados para se adaptar às interações sociais gerais. Devido a experiências de inclusão inadequadas e discriminação contínua, surgiu o movimento de inclusão na década de 1980, liderado por intelectuais, organizações de deficientes e defensores (SAAD, 2003).

No Brasil, o movimento também teve o seu início por volta dos anos 90, sendo amparado pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96, as quais estabelecem que a educação é direito de todos e que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter atendimento educacional preferencialmente na rede regular de ensino, que deverá garantir atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência. Embora a legislação ampare a concepção inclusiva da educação, não define obrigatoriedade e até admite a possibilidade de escolarização que não seja na escola regular (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MARTINI; LIPP, 2010, p.3).

O maior desafio, enfatizado por Saad (2003), é que as escolas que tomaram decisões legítimas para aceitar alunos com necessidade de educação especial não estão preparadas em termos de recursos humanos e infraestrutura. Em geral, os professores não conseguem lidar com a diferença. Eles podem entrar em pânico por

causa dos alunos com necessidades educacionais especiais e podem apoiá-los enquanto permanecerem nas aulas como um simples apoio. Portanto, Voivodic (2007), menciona a importância de se tomar medidas de apoio e conciliação para tornar a inclusão efetiva. Além disso, ao mesmo tempo que enfrenta a obrigação da escola de acolher alunos anteriormente confiados a classes e escolas especiais, enfrenta uma carência de professores em preparação e formação para lidar com as inclusões. Nesse sentido, trabalhar com os professores é fundamental para podermos falar efetivamente sobre a educação inclusiva.

Os resultados de um estudo realizado por Voivodic (2007), sobre a colocação de alunos com síndrome de Down em escolas regulares mostraram que as escolas tiveram dificuldades em implementar o processo de inclusão e ficaram bastante confusas sobre o assunto. A proposta de inclusão das escolas ainda é frágil e receber crianças com deficiência sem um apoio externo adequado parece revelar ainda mais a sua vulnerabilidade.

## 1.1 PROBLEMA

Quais as dificuldades encontradas por discentes, pais e professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com síndrome de Down?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

- ✓ Analisar quais as dificuldades encontradas por discentes, docentes e familiares dos alunos com síndrome de Down no ambiente escolar e quais os principais desafios no processo de ensino e aprendizagem desse público.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Identificar quais as principais dificuldades para a inclusão dos alunos com síndrome de Down.
- ✓ Elaborar um estudo de campo para produzir dados que colaborem na elaboração de um produto de intervenção que vise implantar novas

estratégias no processo de ensino e aprendizagem do aluno com síndrome de Down.

- ✓ Produzir um jogo de trilhas para auxiliar na inclusão educacional de alunos e alunas com síndrome de Down.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica pela necessidade de reformular o plano de ensino aplicado aos alunos com síndrome de Down, que necessita de políticas de inclusão e carece de profissionais com formação específica para tratar o público em questão.

Demonstrar que a pessoa com Síndrome de Down tem limitações, mas que pode ir além delas, superando expectativas e seu grau de dificuldade, consequência da síndrome, sendo que frequentar a escola de ensino regular é uma conquista para quem porta síndrome de Down e uma forma de estimular neles habilidades e competências que, somente com o convívio no meio de crianças sem a síndrome pode proporcionar, além de poucas referências e pesquisas nesse campo.

A educação precisa acolher os estudantes em suas especificidades e o docente precisa entender que o estudante portador de necessidades especiais ou atípico é de sua responsabilidade. Muitas práticas acontecem nas instituições de ensino em que o estudante é deixado de lado ou nas mãos de um cuidador, sem um devido cuidado ou planejamento para que sua educação seja efetivada nesse seu tempo escolar de socialização e integração.

A presente pesquisa justifica-se no fato de conhecermos sobre a síndrome de Down, a legislação que legitima os estudos desses sujeitos e apresenta a sugestão de um produto educativo como sugestão pedagógica de jogos para os estudantes com síndrome de Down ou deficiência intelectual.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

### 2.1 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA

Discutir a inclusão do aluno com síndrome de Down ainda é um desafio para todo campo educacional e para a sociedade, já que historicamente pessoas com dificuldades de interação ou que portam qualquer tipo de diferença, não recebem os devidos tratamentos e cuidados.

Dialogar com as pesquisas e buscar compreender a problemática em questão surge como alternativa para propor soluções que promovam o bem estar social no campo da inclusão do aluno com síndrome de Down. As dificuldades para incluir esses alunos já são extensas quando os mesmos se encontram na adolescência e na juventude, e maiores ainda quando se trata da infância, já que requer comunicação especial e métodos de educação especial.

Um dos objetivos dessa pesquisa é observar o ambiente educacional ao qual o aluno com síndrome de Down é inserido e como as práticas inclusivas podem ser aprimoradas para que os mesmos se sintam mais confortáveis e tenham suas necessidades educacionais atendidas como as dos alunos que não possuem essa ocorrência genética.

Portanto, este capítulo analisa detalhadamente o trabalho com base nos trabalhos pesquisados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o repositório da Biblioteca Nacional Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD), e foi possível usá-los como ponto de partida para o pensamento e direção sugeridos nesta pesquisa. Portanto, ao ler os descritores usados aqui que são os mesmos do propósito da pesquisa, foi possível selecionar trabalhos diretamente relacionados ao assunto desta pesquisa, lendo os títulos, resumos e introduções correspondentes.

Os descritores inseridos no campo de pesquisa foram “inclusão do aluno com síndrome de Down” e “síndrome de Down”. Obteve-se com as pesquisas acesso a quatorze trabalhos, aonde sete foram selecionados por terem maior relação com o objeto do pretendido pelo estudo.

Trata-se das seguintes dissertações: “**Atividades estimuladoras de leitura e escrita em estudantes com Síndrome de Down**” de Comin (2013), “**O bebê com síndrome de Down: um estudo no centro de educação infantil criarte- UFES**” de

Dias (2015), “Ensino-aprendizagem de matemática para alunos com deficiência: como aprende o sujeito com síndrome de Down” de Rodrigues (2013), “O educando com Síndrome de Down: um estudo sobre a relação entre pais e profissionais na escola regular” de Muniz (2008), “O processo de inclusão de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil” de Carneiro (2010), “Escolarização de aluno com síndrome de Down na escola: um estudo de caso” de Marques (2016) e “A mediação de professores na aprendizagem da língua escrita de alunos com Síndrome de Down” de Costa (2011).

Finalizando a busca no repositório CAPES, calcada nos descritores já mencionados anteriormente, listou-se no quadro abaixo **as dissertações utilizadas**.

Quadro 1. Teses e Dissertações do catálogo da CAPES relacionados ao tema deste trabalho

<b>Títulos Selecionados</b>	<b>Autor/Ano</b>	<b>Instituição Executora</b>
Atividades estimuladoras de leitura e escrita em estudantes com Síndrome de Down.	Bruna Cristina Comin(2013)	Universidade Federal de São Carlos
O bebê com síndrome de Down: um estudo no centro de educação infantil criarte-UFES.	Israel Rocha Dias (2015)	Universidade Federal do Espírito Santo
Ensino-aprendizagem de matemática para alunos com deficiência: como aprende o sujeito com síndrome de Down.	Christiane Milagre da Silva Rodrigues (2013)	Universidade Federal do Espírito Santo
O educando com Síndrome de Down: um estudo sobre a relação entre pais e profissionais na escola regular.	Hiltner Silva Muniz (2008)	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
O processo de inclusão de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil	Keila Cristiane de Oliveira Carneiro (2010)	Universidade Estadual Paulista
Escolarização de aluno com síndrome de Down na escola: um estudo de caso	Aline Nathalia Marques(2016)	Universidade Federal de São Carlos
A mediação de professores na aprendizagem da língua escrita de alunos com Síndrome de Down	Daiane Santil Costa (2011)	Universidade Federal da Bahia
O Uso de jogos educacionais no atendimento ao aluno com deficiência intelectual	Giselda Mezadri de Almeida (2017)	Instituto Federal do Espírito Santo

Uma análise com os trabalhos selecionados será feita a seguir para estabelecer um diálogo e evidenciar as aproximações em relação à proposta de pesquisa.

## 2.2 RESUMOS DAS DISSERTAÇÕES ESCOLHIDAS PARA COMPOR A PESQUISA

Comin (2013) em sua pesquisa de mestrado (UFSCAR), intitulada de “*Atividades estimuladoras de leitura e escrita em estudantes com Síndrome de Down*” nos orienta sobre o trabalho pedagógico e estimulador com estudantes com síndrome de Down. O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira através uma revisão da literatura existente para buscar respostas e embasamento teórico para os problemas apontados na fase inicial. Posteriormente, com base na problemática de que, a aprendizagem da leitura e da escrita por parte de estudantes com síndrome de Down é mais lenta, foi realizada uma pesquisa com seis participantes jovens que possuem síndrome de Down, e foram utilizados alguns instrumentos como a caracterização e a aplicação de atividades para aferir a evolução do aprendizado dos pesquisados. Os nomes desses pesquisados, que foram apresentados na pesquisa, eram fictícios na intenção de preservá-los de possíveis constrangimentos. O trabalho apresenta uma extensa revisão bibliográfica acerca do tema, e a autora destaca a grande quantidade de trabalhos publicados com temas parecidos. É importante falar acerca da proposta de Emília Ferreiro, que apresenta estudos sobre os níveis de escrita e quais as fases de aprendizado em suas obras, o que foi utilizado pela autora na produção dos relatórios sobre a evolução dos pesquisados. O estudo também apresentou avaliações aplicadas aos pesquisados e foi possível avaliar a evolução através dos níveis aplicados durante a realização do estudo. Por meio das atividades aplicadas, foi possível perceber que os pesquisados se sentiram desafiados e apresentaram evoluções causadoras de estímulos, o que demonstrou através das atividades anexadas na pesquisa, que ambos tiveram progressos, correspondendo o objetivo da pesquisa.

Rodrigues (2013) em sua pesquisa de mestrado (UFES), intitulada de “*Ensino-aprendizagem de matemática para alunos com deficiência: como aprende o sujeito com síndrome de Down*” nos orienta sobre o ensino da matemática para estudantes com síndrome de Down. A pesquisa teve como objetivo aumentar a compreensão do



processo de ensino-aprendizagem de matemática para alunos com síndrome de Down. Os dados foram coletados através de observações, análises documentais e gravações e vídeos e áudios. O estudo teve como base a utilização de dois autores conceituados, são eles Vygotsky (1997) e D'Ambrósio (1986). A pesquisa apresentou revisão teórica para justificar as fases da pesquisa e esclarecer o porquê da sua realização. Algo que chamou atenção, foram os métodos utilizados para coleta de dados, como o emprego de jogos de cartas, quebra-cabeças, dominó e outros recursos produzidos através de recortes de cartolinas e papéis. As pesquisadoras conseguiram identificar que as alunas não possuíam um ensino que satisfizesse suas necessidades para a obtenção do aprendizado, fazendo com que ambas não possuíssem conhecimento matemático antes da realização da pesquisa. O que foi possível notar é que o preparo do corpo docente e dos profissionais que interagem diretamente com esses alunos, está aquém do necessário e precisa ser objeto de políticas públicas para o aperfeiçoamento. O trabalho mostrou formas de realizar o ensino mais proveitoso da matemática e de forma mais inclusiva para os alunos com síndrome de Down, instruindo a escola como desenvolver práticas pedagógicas que favoreça o desenvolvimento de habilidades indispensáveis à formação do público alvo.

Dias (2015) em sua pesquisa de Mestrado (UFES), intitulada de "*O bebê com síndrome de Down: um estudo no centro de educação infantil criarte-UFES*" descreve o processo de inclusão de um bebê com síndrome de Down. O trabalho teve como objetivo descrever e compreender o processo de inclusão de um bebê com síndrome de Down em um Centro de Educação Infantil. O autor buscou apresentar as táticas utilizadas para a inclusão do bebê com síndrome de Down na educação infantil e problematizar as formas utilizadas. O pesquisado foi um bebê a, e o autor observou seu processo de inclusão para coletar os dados que foram apresentados no trabalho. A temática, além de complexa, possui poucos recursos literários para o embasamento teórico direto, mas o autor construiu a partir da literatura que trata de outros assuntos, uma construção revisional que auxiliou o processo de construção da pesquisa. A descrição dos passos contou com a observação minuciosa dos passos de cada professor na inclusão do pesquisado, e apresentou fotografias e os cenários detalhados de cada passo que era dado no processo de inclusão. Algo importante a se destacar é a utilização do recurso musical para chamar a atenção do pesquisado, os espaços ricos em figuras e

brinquedos, visando chamar a atenção e promover a inclusão do pesquisado. O envolvimento do pesquisador com o pesquisado foi algo que não passou batido, cada passo dado pelo pesquisado era minuciosamente detalhado e registrado para realização da dissertação. Para o autor, ao concluir sua pesquisa, há uma necessidade da escola em de educação infantil bem como seus professores, de entenderem o sujeito com deficiência como produtor de história e cultura, incluindo-o no cotidiano e garantindo sua participação das atividades cotidianas daquele ambiente.

Muniz (2008) em sua pesquisa de mestrado (UFRN), intitulada de “O educando com Síndrome de Down: um estudo sobre a relação entre pais e profissionais na escola regular” analisa a relação entre as famílias de alunos com Síndrome de Down e os profissionais das instituições de ensino por eles estudadasna perspectiva da inclusividade, com vistas a promover o desenvolvimento e a melhoria do processo de ensino. Tratou-se de um estudo de caso que buscou conhecer com mais profundidade o relacionamento familiar com os profissionais das escolas onde os alunos estudam. O estudo foi realizado em duas escolas da rede regular de ensino da cidade de Natal/RN, sendo uma da rede pública e a outrada rede privada. O pesquisador trabalhou com pais e professores de alunos com síndrome de Down utilizando como instrumento de construção de informações a entrevista semiestruturada, e para a análise de dados foi utilizado o método qualitativo. Embora o autor compreenda a complexidade do tema investigado e a necessidade de uma continuidade de estudos, continuidade esta que objetive estreitar a relação entre pais e profissionais de alunos com síndrome de Down, acredita-se que este trabalho possa proporcionar subsídios para outras pessoas que desejam investigar sobre a educação de crianças com síndrome de Down. Nas considerações finais do autor, constatou-se que “é preciso implementar políticas que incentivem a inserção e desenvolvimento de ações visando estabelecer e/ou aprimorar a relação família e escola, levando em consideração, porém, as diferenças entre os contextos familiar e escolar”.

Carneiro (2010) em sua pesquisa de mestrado (UNESP), intitulada de “O processo de inclusão de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil” aborda a trajetória escolar de uma criança de 05 anos com Síndrome de Down, em dois CERs (Centros de Educação e Recreação) da rede municipal de educação em um município de porte médio do Estado de São Paulo. O pesquisador observou

durante dois anos contextos educacionais da educação infantil, observando sua realidade a partir do cotidiano desempenho escolar das crianças, seu comportamento e relacionamento com colegas e educadores, acesso a recursos pedagógicos diversificados e adaptações de programas. O estudo foi norteado pela análise qualitativa dos dados, organizando o material coletado em três tipos de análises: documental, observacional e entrevistas. Participaram da pesquisa a criança com Síndrome de Down, sua Mãe, a professora da sala regular e a professora itinerante. Tendo em vista a decisão de acompanhar a criança na classe especial no CER, tornou-se necessário incluir na pesquisa a professora de Educação Especial. Os resultados apontaram aspectos importantes relacionados ao tema. Por fim notou-se o movimento reverso em no que tange à inclusão escolar gerando instabilidade, isto é, evidenciado por dois processos educativos, pois a criança depois de visitar a sala regular foi transferido para uma classe especial. Este estudo mostrou que a tarefa do professor de educação infantil é penosa diante da realidade excludente em que vive e trabalha. E, nesse sentido, mudar e melhorartais condições parece exigir atitudes sociais e políticas.

Marques (2016) em sua pesquisa de mestrado (UFSCAR), intitulada de “Escolarização de aluno com síndrome de Down na escola: um estudo de caso” buscou analisar a linguagem escrita de um aluno com síndrome de Down no contexto da sala inclusiva, além de observar as estratégias de ensino utilizadas pelo professor da sala regular para ensinar a leitura e escrita e analisar a produção escrita do aluno com síndrome de Down. Esta pesquisa foi de cunho qualitativa e baseada em um estudo de caso com abordagem teórica histórico-cultural. Os dados foram coletados em uma sala de aula compartilhada na segunda série do ensino fundamental. As ferramentas utilizadas são entrevistas parcialmente estruturadas com o professor em sala de aula, observações dos participantes e fotos das produções escolares do aluno durante a aula. “Outra fonte de coleta de dados foram as produções do aluno como resposta às atividades elaboradas pela professora regente de sala de aula. Foram utilizados os materiais, como o caderno de atividades e tarefa de casa, prontuário, portfólio e demais materiais produzidos pelo aluno, a fim de analisar seu processo de aquisição de leitura e escrita”. No comentário final, o autor relata que a partir dos dados coletados, pode-se perceber a importância da mediação e de intervenções pedagógicas adequadas que possibilitem o aprendizado dos alunos. Além disso, a interação entre ele, alunos da turma, pesquisadores e

professores, por meio de uma mediação não planejada inesperada, deu-lhe um passo à frente no processo de aprendizagem.

Costa (2011) em sua pesquisa de mestrado (UFBA), intitulada de “A mediação de professores na aprendizagem da língua escrita de alunos com Síndrome de Down” buscou compreender como se dá a mediação pedagógica na aprendizagem da língua escrita de alunos com Síndrome de Down em classes inclusivas. O método de condução desta pesquisa é baseado em um estudo de caso de uma escola particular de ensino Fundamental I de pequeno porte, localizada na cidade de Salvador, Bahia. De acordo com o pesquisador, os resultados encontrados com base nos dados coletados durante a observação da prática pedagógica na entrevista semiestruturada com professores envolvidos e na análise de documentos, mostraram que as intervenções nas atividades pedagógicas (diretas e indiretas) que os professores realizam na aprendizagem de línguas com crianças com síndrome de Down é baseada no conceito de linguagem de ensino tradicional de alfabetização. Um fato interessante descrito pelo pesquisador é que na escola onde a pesquisa foi realizada, há 10 alunos com necessidades educacionais especiais, sendo que 5 deles são crianças com Síndrome de Down. Segundo explicam professores e profissionais da coordenação (coordenadora e psicóloga), a escola vem recebendo muitas crianças com necessidades educacionais especiais, pois outras instituições das redondezas estão recusando o atendimento dessas crianças nas escolas. Segundo uma professora pesquisada “o trabalho pedagógico é realizado com adaptações nas propostas de atividades para o aluno com Síndrome de Down que se apoiam na concepção de aquisição da escrita da escola, como também nas possibilidades que a criança apresenta na sala de aula”. Por fim, compreende-se que este estudo sugere estender a temática inclusão e ampliar a matrícula de crianças com síndrome de Down em outras escolas, também, ampliando a aprendizagem para campos específicos (artes, ciências, matemática, geografia, história), que podem refletir em estratégias didáticas que favorecem a aprendizagem desses meninos e meninas em espaços compartilhados.

Giselda M. Almeida (2017), em sua pesquisa que foi intitulada de “O Uso de jogos educacionais no atendimento ao aluno com deficiência intelectual”, em seu trabalho final para conclusão da especialização *lato sensu* em tecnologias educacionais, pesquisa o uso dos jogos educativos para que a escola seja um local mais acolhedor e inclusivo. Reinvenção, recriação e reaprendizagem são as

palavras que mais marcaram essa pesquisa encantadora que fomenta a integração social, psíquica e intelectual de crianças portadoras de dificuldades especiais e atípicas em seu universo de inserção social. Na pesquisa, autora buscou auxiliar na construção de planos de aula, a fim de facilitar o acesso ao aprendizado, despertando-lhes interesse para que sejam eles próprios, os autores e as autoras de sua própria história num processo contínuo de reinvenção de si e do entorno, recriação, reaprendizagem do que vem aprendendo e seus significados em relação a vida. O estudo foi embasado num estudo de caso aplicado na sala de AEE (Atendimento educacional especializado), tendo como sujeito na pesquisa, um estudante com deficiência intelectual da EEEFM “Filomena Quitiba”, no município de Piúma-ES. Na metodologia, o estudo sugere dois planos de aula que, quando aplicados por meio do uso de jogos educativos sugeridos e disponibilizados pela autora, poderão proporcionar a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. O estudo apresentou de forma clara, objetiva e assertiva, que por meio do uso de tecnologias digitais criativas presentes em jogos lúdicos, é possível promover a escola como espaço de interação e de inclusão.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Tomando por base definições mais recentes, a síndrome de Down é caracterizada por Luiz, Bortori, Nascimento e Flória Santos (2008), por seus aspectos fenotípicos que podem ser apresentados por grande parte dos portadores desta síndrome. São listadas características como a hipotonia, excesso de pele na nuca, cardiopatia congênita, mãos achatadas e largas, olhos distantes um do outro, etc. Porém, os autores enfatizam que nem todas as pessoas com síndrome de Down apresentam todas elas e que a único presenteem todos os casos é o retardo mental.

Paiva, Melo e Frank (s/d) parecem adotar a mesma perspectiva de Langdom Down. Afirmam que “a Síndrome de Down é uma desordem genética no cromossomo 21, que causa algumas características marcantes e comuns a todos os portadores da síndrome, como, por exemplo, retardo mental, boca pequena, olhos puxados, cabeça arredondada, entre outras”. Do mesmo modo, Saad (2003) afirma categoricamente a existência da deficiência mental nos portadores de síndrome de Down, ao dizer: “Este estudo investiga a trajetória de dez jovens com síndrome de Down e, portanto, com deficiência mental, de uma Escola Especial na Cidade de São Paulo”, não deixando dúvidas quanto à sua opinião sobre a relação direta entre deficiência mental e síndrome do Down.

Façonha e Fahd (2015/2016) abordam que Vigotski possuía uma ideia diferente do que foi estabelecido pelos clínicos de sua época, sendo uma visão quantitativa sobre o que era a deficiência. Sua abordagem, de natureza qualitativa, retrata os impactos da deficiência no desenvolvimento, na totalidade da personalidade e na relação do indivíduo com o meio social, com o objetivo de identificar as possibilidades de realização dessas pessoas. De acordo com a citação abaixo, podemos aprender que :

É possível reconhecer condições não somente orgânicas, mas também sociais na determinação do processo de desenvolvimento cultural, ultrapassando uma perspectiva organicista a respeito desse processo. Para Vigotski (1997,p.196), a educação de uma criança com alguma **especificidade** deve ser diferente da educação de uma criança normal. Todo o aparato da cultura humana, tomando como perspectiva a forma externa de seu comportamento, é baseado na organização psicofisiológica do indivíduo comum. A cultura existente pressupõe que o indivíduo tenha determinados órgãos (boca, mãos, olhos e ouvidos), além de certas

funções cerebrais para que suas tarefas cotidianas sejam realizadas. Os instrumentos existentes, as técnicas, sinais e símbolos são feitos para esse determinado tipo de pessoa.(GRIFO-MEU).

Na pessoa que apresenta algum problema no seu aparato fisiológico, aparece uma tendência a compensar suas funções deficitárias por meio do desenvolvimento de outras habilidades e capacidades diferentes:

Qualquer **especificidade**<sup>4</sup>, isto é, qualquer insuficiência corporal, conduz o organismo diante da tarefa de superá-lo, de completar a insuficiência, de compensar o dano que causa. Dessa forma, a influência do defeito é sempre dupla e contraditória: por um lado, enfraquece o organismo, quebra sua atividade, constitui um fator negativo; por outro lado, precisamente porque dificulta e perturba a atividade do organismo, serve de estímulo para maior desenvolvimento de outras funções, impulsiona e estimula o organismo a uma atividade acentuada que possa compensar a insuficiência e superar as dificuldades (Vigostki, 1997,p. 197).

No entanto, “é necessário valorizar e entender o problema da deficiência infantil como um problema social, pois seu momento social, antes não observado e comumente considerado como secundário, é, na realidade, fundamental e prioritário” (Vigotski, 1997, p.74). A criança não percebe, diretamente, a sua deficiência. Isso acontece apenas indiretamente pelo impacto de seu defeito no ambiente social. À medida que interage e apreende os significados estabelecidos culturalmente, criam-se conflitos internos que lhe trarão a percepção de ausência, falha ou incompletude (FAÇANHA, FAHD, 2016). Silva (2015), diz que, pelo fato de a anormalidade biológica ser um obstáculo que dificulta o desenvolvimento, alterando o equilíbrio do psiquismo, temos a tendência para uma compensação dessa insuficiência. A força dessa compensação impulsionará a criança a utilizar-se de meios auxiliares. Será feita a compensação de uma limitação orgânica por meio do desenvolvimento cultural de vias colaterais que oferecem possibilidades completamente novas para o desenvolvimento da criança deficiente. “O desenvolvimento cultural é a esfera mais importante da qual é possível compensar a insuficiência. Ali onde o desenvolvimento orgânico resulta impossível, existem infinitas possibilidades para o desenvolvimento cultural” (Vigotski, 1997, p. 313).

Ainda de acordo com Silva (2015), para Vigotski, a educação de crianças com

---

<sup>4</sup> O autor cita a palavra defeito, que nos remete a questão da educação mercadológica e que serve às corporações mundiais capitalistas. Essa pesquisa tem uma perspectiva humanizadora, que defende a importância da educação das crianças atípicas, portadoras de uma síndrome, com objetivos intencionais de educar esse sujeito para o mundo.

deficiências diversas deve estar baseada no fato de que a deficiência em si possui tendências psicológicas de orientação opostas ao desenvolvimento normal, em que estão dadas as possibilidades compensatórias para que sejam superados os obstáculos impostos pela deficiência. Há, na literatura atual, sinais de início de uma nova perspectiva em relação ao tratamento do indivíduo com síndrome de Down. Essa perspectiva diz respeito a estudos relacionados ao desenvolvimento desassociado da ideia inicialmente construída de que a síndrome de Down tem relação direta com a deficiência mental.

### 3.2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A inclusão educacional precisa atender as peculiaridades do aluno, e a escola necessita ficar atenta a cada uma delas, pois incluir, no contexto escolar é “[...] melhorar a qualidade de ensino das escolas, atingindo todos os alunos que fracassam em suas salas de aula” (MANTOAN, 2003, p. 25).

O professor/ a professora , como peça fundamental dessa realidade, precisa ressignificar sua prática, ampliando parâmetros pedagógicos. É necessário que o docente conheça a família de seu aluno, suas condições sociais, econômicas e culturais como também o seu próprio aluno, suas necessidades e dificuldades educativas. Junto a isso, deve estar em constante aperfeiçoamento profissional, tendo um imenso prazer na sua escolha de trabalho. O docente deve dar uma atenção individualizada para o aluno PNEE (Portador de Necessidades Especiais Educacionais), sem esquecer-se dos demais. Assim, a criação de diferentes situações para que todos possam participar e relacionarem-se é muito importante.

Segundo Loureiro e Santos (2002, p. 16):

[...] a Educação Inclusiva dar-se-á através de mecanismos que irá atender a diversidade, como, por exemplo, proposta curricular adaptadas, a partir daquelas adotadas pela educação comum. O atendimento dos educandos portadores de necessidades educativas especiais incluídas em classes comuns, exige serviços de apoio integrado por docentes e técnicos qualificados e uma escola aberta à diversidade.

A educação de pessoas chamadas “especiais” passou a ter respaldo legal com a implantação da lei 4.024 (20 de dezembro de 1961), de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que trouxe em seus artigos 2º e 3º, do título II, afirmações de que a “educação é direito de todos”. Essa lei traz em seus artigos seus artigos 88 e



89, do título X, referente à Educação de excepcionais que “(...) a educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade.”.

Outro dispositivo legal que promoveu ainda mais a educação dos portadores de necessidades especiais foi a Declaração de Salamanca em 1994. Nesse evento, representantes de noventa e dois governos e de vinte e cinco organizações internacionais reuniram-se para discutir a necessidade de se ter com uma educação que contemplasse todas as pessoas. Durante as discussões, foram analisadas as mudanças principais de política que seriam necessárias para favorecimento de educação integradora. Outro foco da discussão foi a importância de se capacitar as escolas para o atendimento às crianças sem exceções. A Declaração de Salamanca foi um acontecimento que marcou mundialmente a luta pela inclusão educacional de portadores de necessidades especiais.

A Declaração de Salamanca foi uma oportunidade de se pensar e refletir sobre a necessidade de uma educação democrática, que tem o aspecto de incluir todas as pessoas, inclusive as portadoras de necessidades educativas especiais. Os participantes da Declaração de Salamanca entenderam que escolas regulares voltadas a educação inclusiva são uma ferramenta de combate à discriminação e o cenário ideal para que haja o aparecimento e desenvolvimento de comunidades integradas. A escola, nesse caso, seria a base de construção de uma sociedade inclusiva e a concretização de uma educação igualitária e democrática. Os referenciais mais importantes discutidos na Declaração de Salamanca são:

Cada criança tem direito básico à Educação; 2- cada criança tem características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem singulares; 3- os serviços educacionais têm que levar em conta as características e necessidades diversas das crianças no acesso às escolas comuns; 4- as escolas regulares com um ‘ethos’ (forma de atuação) orientado para a educação inclusiva são um dos meios mais efetivos no combate a atitudes discriminatórias e na efetiva implantação de comunidades para a aceitação e integração das crianças na escola (BRASIL, 2001, p.17).

Em termos de Brasil o Decreto nº. 3.298, promulgado em de 20 de dezembro de 1999, trouxe disposições relacionadas à Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência, “[...] em seu inciso II, adverte que a educação especial como modalidade de educação escolar faz parte do sistema educacional e permeia transversalmente todos os níveis e as modalidades de ensino” (MOREIRA;

MICHELS; COLOSSI, 2006, p. 5).

O estudo dessa síndrome foi realizado, minuciosamente, no ano de 1866, mas, historicamente, não se tem relatos científicos comprovados por meio de documentos que possam especificar desde que época já havia portadores dessa má formação congênita. Nesse sentido, há apenas, mas não existe documentação científica sobre o assunto. Isso se deve ao fato de que, até pouco antes do século XIX, havia um número reduzido de profissionais com interesse em problemas ligados à deficiência mental, incluindo a síndrome de Down.

Segundo relata Werneck (1993, p. 58): “A história oficial da síndrome de Down no mundo começa no século XIX. Até então, os deficientes mentais eram vistos como um único grupo homogêneo”. O cognitivo do aluno com necessidades especiais pode se desenvolver melhor através da socialização com outras crianças sem SD. Vygotsky (1987), em seus estudos, descobriu que a socialização é essencial para o desenvolvimento cognitivo. A interação da criança com SD com crianças que não possuem a SD é essencial para qualquer pessoa, logo, isso incluiras pessoas com síndrome chamada de Down.

Inserir uma criança com síndrome de Down no ensino regular é dar-lhe as mesmas oportunidades que as outras crianças possuem de desenvolver as áreas cognitiva e socioafetiva. A inclusão de crianças com SD requer que professores e escola não olhem para a síndrome ou para a deficiência, mas, sim, que haja uma pedagogia baseada, nas habilidades da pessoa. Como explica Cavalcante (2000, apud REGINATO, 2005, p. 25), a escola inclusiva que trabalha com alunos com SD necessita de uma pedagogia:

[...] centrada na criança, baseada em suas habilidades e não em suas deficiências e que incorpore conceitos como interdisciplinariedade, individualização, colaboração e conscientização/sensibilização, podem facilitar a inserção dos alunos chamados 'especiais' na escola, fazendo desta uma experiência positiva para todos.

A relevância principal de incluir, no contexto educacional, pessoas com síndrome de Down está no valor social que existe nessa ação. Através da inclusão, a criança com SD passa a se sentir parte do grupo e com as mesmas condições de aprendizagem, respeitando sempre o ritmo dela. Facilitar a inclusão é um processo que requer criatividade, elevação da autoestima do professor e dos alunos, em geral, a necessidade e o desejo de mudar para incluir e o redimensionamento da prática e métodos pedagógicos.

Recentemente, a tentativa de se fazer uma “política de exclusão” ocorreu, considerada como a nova política de educação especial (PNEE), sancionada em 2020, pelo então governante da nação, pelo decreto 10.502. A medida na prática, tira a obrigatoriedade da escola comum em realizar a matrícula de estudantes com deficiência e permite a volta do ensino regular em escolas especializadas, o que é visto por entidades como um retrocesso à educação inclusiva no país, além de violar a constituição e segregar alguns estudantes.

### 3.3 CARACTERIZANDO A SÍNDROME DE DOWN

Nesse capítulo apresentamos a caracterização da síndrome de Down (SD) em seus aspectos conceituais. A partir dessa caracterização é possível ter uma visão mais ampla sobre as particularidades e peculiaridades dessa síndrome que ainda gera muitas dúvidas nos educadores e com isso, o trabalho que poderia ser prazeroso, pode se tornar complicado, pois a falta de informação suficiente para que esses profissionais realizem um trabalho de qualidade e a educação desses sujeitos seja efetivamente realizada de uma forma que garanta a ele o aprendizado a qual tem direito, pode ser impeditivo no processo socioeducativo e inclusivo (DIAS, 2015).

A síndrome de Down, é uma anomalia genética com alteração cromossômica, é facilmente diagnosticada logo após o nascimento, devido às suas características distintas e às informações transmitidas aos pais no nascimento. Hoje, o conhecimento desse diagnóstico é cada vez mais comum durante a gravidez. Para que um teste cada vez mais preciso desperte a suspeita da síndrome, ela é confirmada pelo teste do cariótipo (CUNHA; BLASCOVI-ASSIS; JUNIOR, 2010).

Segundo Voivodic (2007), as pessoas com síndrome de Down são caracterizadas principalmente pela deficiência intelectual para decodificações, demonstrando a complexidade e a importância da educação, mas isso não significa que o processo educacional seja impossível. Pois, segundo Vygotsky (2001, p. 28), “o indivíduo não deve ser entendido como forma acabada, mas como uma permanente e fluente forma dinâmica de interação entre o organismo e o meio” o indivíduo não deve ser entendido como forma acabada, mas como uma permanente e fluente forma dinâmica de interação entre o organismo e o meio”.

Ainda segundo Vigotski, (2007, p. 103);

As possibilidades de desenvolvimento das funções mentais e da inteligência relacionam-se ao interacionismo e à estimulação das potencialidades dos sujeitos. Assim, as formas de desenvolvimento podem variar de acordo com a cultura, as particularidades dos sujeitos e a interação entre dois fatores.

As características da Síndrome de Down foram descritas pela primeira vez em 1866 por John Langdon Down, o diretor médico britânico do Exílio de Earlswood para deficientes mentais em Surrey, Inglaterra. No entanto, foi em 1959 que o geneticista francês Jerome Lejeune confirmou que a causa da síndrome de Down era hereditária (DIAS, 2015).

De acordo com Dias (2015) *apud* Castro e Drago (2013, p. 15):

De modo geral, a síndrome de Down pode ser caracterizada como uma desordem genética, resultado de uma alteração genética numérica. Nas células humanas existem 46 cromossomos, que são divididos em 23 pares, mas no sujeito com síndrome de Down, devido a esta alteração, existem 47 cromossomos divididos em 23 pares, estando o cromossomo extra, ligado ao par 21. Essa alteração cromossômica traz uma série de particularidades que caracterizam a síndrome em questão.

Dentre as principais características, além da deficiência intelectual, podemos afirmar claramente uma série de características: cabeça maior que o padrão de nascimentos de crianças na estatística, pés chatos, mãos pequenas, obesidade, nariz pequeno, hipotonia, descamação da pele, estrabismo, catarata, pescoço curto, e outras. Portanto, a síndrome de Down é uma das principais causas de deficiência intelectual cromossômica e essas características devem ser compreendidas. Como tal, esses indivíduos não são considerados apenas biológicos, mas também sujeitos conscientes (DIAS, 2015). Apresentam cromossomos sexuais e, por isso são considerados como homem e mulher. Sua libido é, na maioria das vezes, com uma área mais extensa do que no padrão estudado e analisado de seres humanos. A síndrome genética também é conhecida como TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21, que apresenta três cromossomos no cromossomo 21, sem formar um par. Essa alteração apresenta características no fenótipo.

De acordo com Castro e Drago (2013, p. 85), importa salientar que existem outras características que podem definir um sujeito com Síndrome de Down, pois “as crianças com síndrome de Down têm um forte reconhecimento e habilidade visual de aprendizado, portanto, é interessante ensiná-las a usar sinais e gestos para atear a aquisição do conhecimento”.

### 3.4 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Existe um grande desafio na atividade de incluir o estudante com Síndrome de Down na vida escolar, desafios que vão desde a sensibilização e aprendizagem da família até o despertar da sensibilidade profissional dos atores da vida escolar. Esses alunos, de fato, foram adotados pelo modelo de educação inclusiva, pois o movimento para educar alunos com síndrome de Down nas escolas brasileiras tem sido lento e enfatiza a necessidade de profundas mudanças no pensamento e na prática nas escolas (MARQUES, 2016).

Portanto, para alunos com deficiência intelectual, Pimentel (2012), aponta que a educação escolar para alunos com Síndrome de Down não é diferenciada. Segundo esse autor, os achados arqueológicos da cultura Olmeca que consideravam esses povos sagrados, mas na Grécia antiga eles foram deixados para morrer e foram considerados monstros, não humanos. Na Idade Média, eles eram considerados demônios devido à sua relação mãe-demônio e, na Renascença, também eram considerados extraordinariamente grotescos.

Somente no século XVI que a história da educação especial começou a ser marcada por formações gerais nessas disciplinas, com médicos e educadores acreditando no potencial de alunos com deficiência.

[...] apesar de algumas escassas experiências inovadoras desde o século XVI, o cuidado foi meramente custodial, e a institucionalização em asilos e manicômios foi a principal resposta social para tratamento dos considerados desviantes. Foi uma fase de segregação, justificada pela crença de que a pessoa diferente seria mais bem cuidada e protegida se confinada em ambiente separado, também para proteger a sociedade dos “anormais” (MENDES, 2006, p. 387).

Segundo Pimentel (2012), foi somente no século 19 que surgiram as primeiras escolas, laboratórios e estudos científicos sobre deficiência intelectual. Os modelos médicos se generalizaram, mas esses estudos feitos neste momento da história representam um avanço.

Porém, é importante considerar que essas conquistas no âmbito político e da legislação são imprescindíveis, porém, não suficientes para demolir os obstáculos simbólicos e materiais impostos a tais pessoas durante séculos. Há que se promover políticas públicas que efetivem a inclusão social já assegurada no âmbito da legislação (PIMENTEL, 2012, p. 35).

No Brasil, a educação geral de classe para pessoas com deficiência começou

na década de 1950, pois o que estava acontecendo nos Estados Unidos influenciou o movimento para incluir pessoas na educação geral. Naquela época, experimentalmente, foram instaladas em São Paulo as primeiras salas de recursos para deficientes visuais, permitindo a esses alunos estudar em salas regulares. O *Resource Classroom* para alunos com deficiências sensoriais e intelectuais também foi expandido com propostas educacionais abrangentes e não separadas (VOIVODIC, 2013).

Esse princípio de normalização dos indivíduos com deficiência ignora as diferenças, o que, ao contrário do esperado, nega preliminarmente as diferenças, resultando em desvantagem para os indivíduos cuja deficiência permite limitação efetiva (PIMENTEL, 2012).

Porém, essa compreensão inicial de normalização trouxe consigo a ideia de transformar a proposta de atendimento à diversidade, que pressupõe o respeito às diferenças dentro de um contexto plural, em uma proposta de tolerância à diferença, o que mantinha o atendimento desigual na medida em que a atenção às diferenças pressupunha segregação e exclusão e desigualdade (PIMENTEL, p. 37, 2012).

Na década de 1990, o Brasil declarou o termo incluído na Declaração Universal de Educação para Todos. A Declaração de Salamanca, publicada em 1994, estendeu o conceito de necessidades especiais às crianças que não se beneficiaram da escola, incluindo crianças com deficiência intelectual. Além desses dois marcos, outros documentos importantes no campo da educação especial apareceram no cenário mundial. Por exemplo, a Declaração de Washington e Guatemala (1999), a Declaração de Dakar (2000) e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e outros documentos internacionais (ARANTES, et al., 2012).

Assim, a educação especial brasileira no final da década de noventa vai ser marcado pela sua inserção no contexto de reforma educacional do sistema educacional e pelo caloroso debate da inclusão escolar, envolvendo uma dicotomização do campo entre os adeptos da educação inclusiva e os adeptos de uma visão mais radical baseada na inclusão total (MENDES, 2010, p. 105).

### 3.5 A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN

Estudantes com Síndrome de Down apresentam uma deficiência intelectual característica e requerem diversos ajustes e estímulos para facilitar o aprendizado.

Além do ensino regular, existem serviços educacionais especiais que precisam ser prestados para desenvolver o potencial desses alunos para que possam frequentar aulas regulares. Além disso, os professores profissionais devem fazer parceria com a administração para orientar e auxiliar os professores em seu trabalho educacional com esses estudantes. (ASSAF, 2017).

Conforme mencionado anteriormente, a hipotonia é característica de crianças com síndrome de Down e, de acordo com Schwartzman (1999), contribuirá significativamente para atrasos no desenvolvimento motor dessas crianças.

Deve ser também ressaltado que as habilidades intelectuais do Down têm sido historicamente subestimadas. Estudos contemporâneos mostram que a maioria dos Down tem um desempenho na faixa de retardo mental leve e moderado. A melhor capacidade cognitiva tem sido atribuída ao mosaïcismo cromossômico, além de outros fatores como o conjunto genético do indivíduo e a influência de fatores epigenéticos e ambientais (MOREIRA, EL-NANI, GUSMÃO, 2000, p.97).

Como resultado, há atrasos em todos os estágios do desenvolvimento motor, como sentar, engatinhar, ficar em pé e andar. Como isso se deve ao comportamento e à descoberta, interfere nos processos de desenvolvimento de outras maneiras, principalmente na forma como a criança conhece o mundo (ASSAF, 2017).

No que diz respeito à aquisição da linguagem, segundo Schwartzman (1999), é este o aspecto em que as crianças com síndrome de Down apresentam maior atraso no desenvolvimento. Segundo o autor, as primeiras palavras são ditas em cerca de 18 meses. Isso significa que bebês sem essa síndrome estarão quatro meses atrasados.

Com relação à linguagem, Ferreira e Lamônica (2012) afirmam que:

São esperadas características fenotípicas relacionadas ao comportamento de linguagem, incluindo alterações na sintaxe expressiva, na emissão de morfemas gramaticais, na inteligibilidade de fala, na memória verbal, visuoespacial e de curto-prazo e no vocabulário receptivo e expressivo. (FERREIRA; LAMÔNICA, 2012, p. 786).

Sun e Fernandes (2014), sugerem que a socialização em crianças com síndrome de Down pode expandir a compreensão das crianças sobre o vocabulário e o mundo, como acontece com crianças sem síndrome de Down. No entanto, os autores reconhecem que os efeitos da socialização na comunicação, com ou sem a síndrome, ocorrem ao longo do tempo e que esses mesmos efeitos tendem a não produzir os mesmos resultados. Eles não acontecem. Nesse contexto, a família

desempenha um papel fundamental na comunicação e no desenvolvimento social das pessoas com síndrome de Down.

No entanto, reconhece-se que os aspectos associados ao comprometimento da linguagem vivenciados pelos alunos com a síndrome podem interferir diretamente na interação com outras crianças. As características dos referidos atrasos e dificuldades de comunicação, incluindo o desenvolvimento da gramática e do vocabulário, são um dos principais desafios enfrentados não só pelas pessoas com síndrome de Down no ensino regular, mas também pelos educadores e outros atores do cotidiano desses alunos (CARVALHO; BEFI-LOPES; LIMONGI, 2014).

Assaf (2017), adverte que a inclusão de pessoas com Síndrome de Down nas escolas regulares e o sucesso em suas funções está diretamente relacionado à dedicação e eficácia de seus cuidadores e professores. Nesse sentido, há uma pausa para sugerir o pensamento de Oliveira e Limongi (2011). Ele ressalta que a qualidade de vida de cuidadores, pais e educadores depende de sua preparação geral para o equilíbrio, o aprendizado e a gestão das pessoas com a síndrome.

Como as pessoas com síndrome de Down apresentam atrasos gerais no desenvolvimento que afetam diretamente seu desempenho acadêmico, as escolas precisam atender às necessidades dos estudantes por meio de uma abordagem holística. Por meio de medidas de acomodação, estamos monitorando, avaliando e recomendando uma série de atividades que necessitam de um trabalho concreto, em outras palavras, você tem que respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem e ser único para cada pessoa (ASSAF, 2017).



## 4 METODOLOGIA

Para Minayo (2002, p. 16), a metodologia mostra-se como “o caminho percorrido pelo pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade [...] conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com (01) um aluno com síndrome de Down na rede municipal de ensino de Presidente Kennedy no estado do Espírito Santo, e sua inclusão na rede de ensino municipal o aluno com idade aproximada entre 07 a 12 anos, sexo masculino.

Segundo André (2013, p. 97), estas abordagens de pesquisa se fundam em uma perspectiva “que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados”.

[...] conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva (OLIVEIRA, 2010, p. 37).

O método da pesquisa é o Estudo de Caso, que colabora diretamente para compreendermos os processos psicológicos e emocionais que regem o comportamento da criança pesquisada com Síndrome de Down e seu desempenho acadêmico.

A escolha pelo estudo de caso se deu inicialmente, pela relação da pesquisadora com a pesquisa, sendo que o foco do estudo foi desenvolvido mais para o sujeito principal. Durante a elaboração do projeto, foi importante determinar os limites para que o fenômeno do estudo de caso pudesse ser estudado como um todo, dentro do contexto, garantindo a qualidade das informações coletadas de diversas fontes, em sintonia ou não com a visão da pesquisadora, “pois toda pesquisa científica necessita definir seu objeto de estudo e, a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que será(...)”.

O Estudo de caso, segundo Lüdke e André (1986, p.17), deve ser escolhido “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo”. Este

método permite ao pesquisador aprofundar o conhecimento sobre determinado fato/fenômeno/contexto. É utilizado quando se deseja cobrir condições contextuais, acreditando que estas são altamente pertinentes ao fenômeno estudado. O contexto e o fenômeno não podem ser separados na vida real. De acordo com Fialho e Neubauer (2008, p. 4520-4521):

O Estudo de Caso, por si só, caracteriza-se por ser um tipo de pesquisa que apresenta como objeto uma unidade que se possa analisar de forma mais aprofundada. Visa, assim, ao exame detalhado de um ambiente, ou de um local, ou, de uma situação qualquer, ou, ainda, de um determinado objeto, ou, simplesmente de um sujeito ou de uma situação. Pode, então, ser conceituado como um modo de produzir, junto aos pares, informação específica e detalhada, frequentemente de natureza pessoal, envolvendo o pesquisador, sobre o comportamento de um indivíduo ou grupo de indivíduos em uma determinada situação e durante um período dado.

O desenvolvimento da pesquisa teve início com um levantamento bibliográfico referente à temática proposta, de maneira a considerar os estudos mais atuais pertinentes ao tema.

Foram realizados questionários estruturados. Esses questionários foram fechados e direcionados aos professores. Eles responderam perguntas inerentes ao desenvolvimento do aluno com Síndrome de Down, após foi realizada entrevista onde foram realizadas perguntas aos alunos para observar seu desenvolvimento e sua inserção quanto a inclusão na sala de aula e na instituição de ensino, após produção de dados os mesmos foram compilados para apresentação dos resultados. Trata-se de um estudo de caso, pois direciona o foco da pesquisa a um estudante atendido pela Rede municipal de educação de Presidente Kennedy-ES.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Trata-se da EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo”, Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Vilmo Ornelas Sarlo” que responde a Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy-ES, localizada na Avenida Orestes Baiense, s/n-centro-Presidente Kennedy-ES (PRESIDENTE KENNEDY, 2021).

Telefone: (28) 3535-1234

E-mail de contato: escolavilmo@hotmail.com Capacidade de matrícula: 900 alunos

- Nº de alunos matriculados: 570 alunos

### **Legalização**

-CNPJ: 10.884.130/0001-98

-Ato de Criação: Portaria 757/07 de 11/12/2007

-Ato de Aprovação Res. CEE nº 1784 de 03/10/2008

### **Cursos ofertados**

-Educação Infantil

-Ensino Fundamental-séries iniciais

-Aprovado pela Resolução CEE/ES Nº1784 DE 03/10/2008

-Ensino Fundamental-séries iniciais (6º ao 9º ano)

-Educação de Jovens e Adultos

### **Turnos e horários de Funcionamento:**

A EMEIEF “Vilmo Ornelas Sarlo” funciona nos turnos diurno e noturno, assim distribuídos:

Turno Matutino 7h00m as 11h30m

-Educação Infantil: Pré II (Prédio Principal)

-Ensino Fundamental: 1º Ano (Prédio Principal)

-Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano (anexo)

Turno Noturno

18h00m às 22h00m

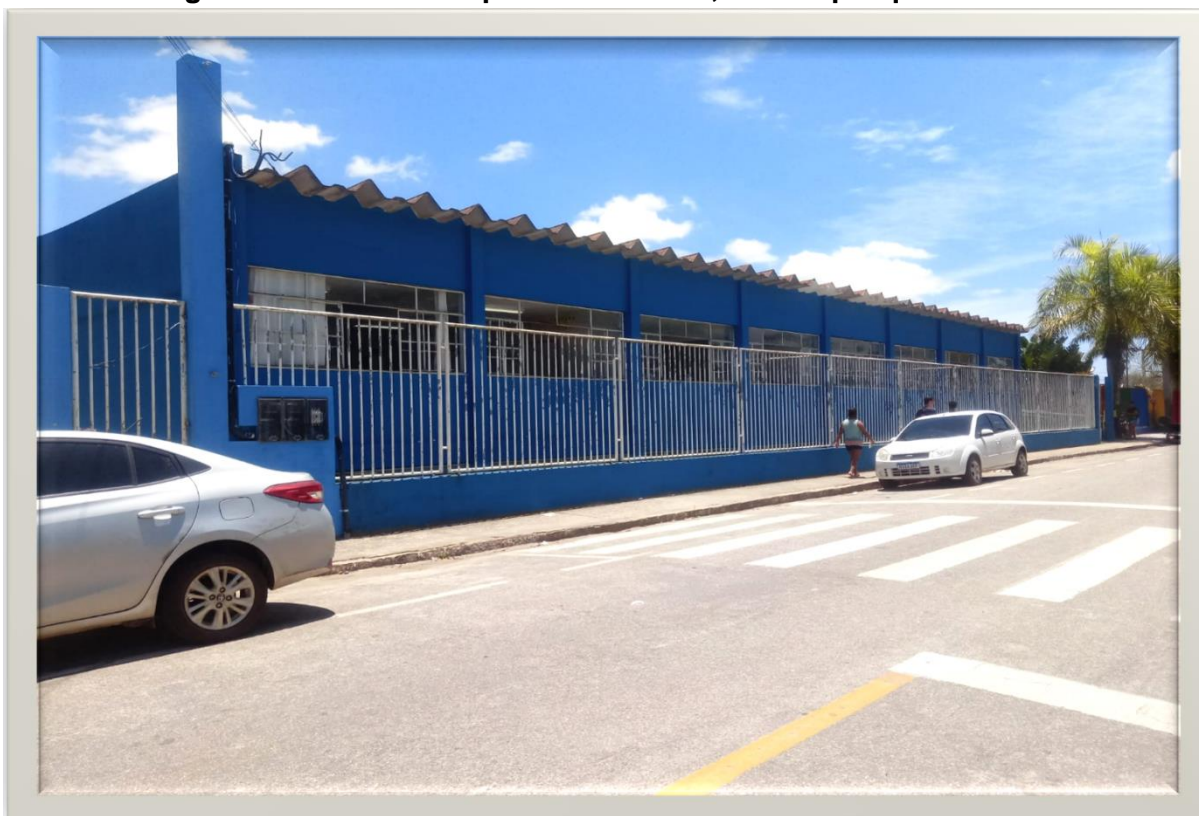
-EJA: 1º e 2º segmento: (anexo)

Fotografia 1 – Faixada da escola



Fonte: A pesquisadora, 2021.

**Fotografia 2 – Faixada do prédio do 5º ano, onde o pesquisado estuda**



Fonte: A pesquisadora

#### **4.1.1 Histórico da Instituição**

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental “Vilmo Ornelas Sarlo” foi projetada na gestão de 1996 à 2000, com o nome de EEF “Batalha”. A construção do prédio efetivou-se na gestão de 2000 à 2004, quando foi inaugurado no dia 03 de setembro de 2004, pelo governador Paulo Hartung e demais autoridades. A comunidade kennedense esteve presente neste evento em grande quantidade.

Recebeu o primeiro nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental “Batalha” que se originou em homenagem ao nome do município chamado na época de Vila Batalha. Mais tarde recebeu o segundo nome de Escola de Ensino Fundamental “Vilmo Ornelas Sarlo”, que foi dado em homenagem ao ex-prefeito municipal Vilmo Ornelas Sarlo por ter sido um prefeito que muito lutava pela avançada educação no município.

Sua gestão foi marcada pela defesa dos estudantes e professores e pela busca de recursos para investir na educação municipal, que tinha condições precárias na época. Em 05 de janeiro de 2012, através do decreto nº002, com base na resolução 1286/2006, a nomenclatura da escola passou a ser denominada Escola

Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Vilmo Ornelas Sarlo”.

### **Objetivos da Educação Escolar**

Criar condições para que todos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para a vida em sociedade.

Permitir ao aluno exercitar sua cidadania a partir da compreensão da realidade, para que possa contribuir em sua transformação.

Buscar novas soluções, criar situações que exijam o máximo de exploração por parte dos alunos e estimular novas estratégias de compreensão da realidade. Melhorar a qualidade do ensino, motivando e efetivando a permanência do aluno na escola, evitando a evasão.

Criar mecanismos de participação que traduzam o compromisso de todos na melhoria da qualidade de ensino e com o aprimoramento do processo pedagógico. - Promover a interação escola comunidade.

Atuar no sentido do desenvolvimento humano e social tendo em vista sua função maior de agente de desenvolvimento cultural e social na comunidade, a par de seus trabalhos educativos.

Desenvolver projetos que complementem o processo de aprendizagem visando não apenas a aquisição de conteúdo, mas também, sua socialização, conscientização ambiental, social e solidária na formação dos nossos alunos.

#### **4.1.2 Caracterização da Demanda Atendida pela Escola e da Comunidade Escolar**

A maior parte dos habitantes de nossa comunidade trabalha no comércio local, instituição municipal e estadual, nas propriedades rurais, nas casas de famílias e empresas locais. Na cidade temos o posto de saúde e o pronto atendimento Tancredo Neves, que prestam toda a assistência a comunidade Kennedense. Tem-se, ainda, o órgão de assistência social, que faz um trabalho especial junto às famílias, dando cesta básica, bolsa família, remédios, atendimento juntamente a psicólogo e outros especialistas. Os alunos desta escola, que vão para a escola estadual e ali concluem o ensino médio contam, ainda, com uma grande oportunidade, de cursar uma faculdade gratuitamente, recebem Bolsa de estudo da

prefeitura para concretizar este sonho tão desejado. A população pode usufruir, também, do ônibus da saúde que levam as pessoas até os locais para realizarem consultas, exames e cirurgias, além de terem como meio de transporte o Transkennedy, que circula gratuitamente na zona rural do município favorecendo as pessoas chegarem até a cidade; de maneira segura e confortável, transporte escolar para os alunos, farmácia básica que auxilia com doações de remédios e ainda temos o abrigo municipal (Casa de Passagem), como também, a agricultura familiar que enriquecem a merenda escolar dos nossos alunos. A clientela, na maioria, é representada, por alunos que moram no entorno da escola, na sede do município e em localidades vizinhas. São estudantes ativos e participativos que interagem na realização de eventos e projetos proporcionando assim melhor aprendizagem em relação ao conteúdo abordado pelo professor. Muitos, ainda não possuem, em suas casas, meios tecnológicos como a internet, por exemplo, porém, fica fácil ter acesso à bens culturais, pois o município conta com uma ampla biblioteca, com variados acervos e computadores para pesquisa. Entre outros devido as oportunidades dadas aos produtores rurais para desenvolverem suas 56 atividades econômicas e ao surgimento de empregos provenientes de cursos oferecidos pela prefeitura municipal, nossas famílias estão mais estruturadas. A maioria são religiosos tanto de igrejas protestantes como católicos.

#### **4.1.3 Organização Curricular e Metodologias de Ensino**

Temos na nossa escola o currículo formal (planos e propostas pedagógicas), currículo em ação (aquilo que efetivamente acontece nas salas de aula e na escola), currículo oculto (o não dito, aquilo que tanto os alunos, quanto professores trazem, carregado de sentido próprios criando as formas de relacionamento, poder e convivência nas salas de aula).

O paradigma da sociedade da informação tem o currículo como a forma de organizar princípios éticos, políticos e estéticos que fundamentam na articulação entre áreas de conhecimentos e aspectos da vida cidadã.

A escola oferece aos alunos da Educação Básica no nível do ensino fundamental das séries iniciais e finais (1º aos 9º anos), tendo como garantia a estes alunos a igualdade de acesso a uma Base Nacional Comum, legitimando a qualidade da ação pela lógica na diversidade nacional, a base nacional comum e

sua parte diversificada deverão integrar-se e tomando paradigma curricular onde os conhecimentos serão articulados ao aspecto da vida cidadã.

As áreas de conhecimento da Base Nacional comum da escola são:

1. Língua Portuguesa
2. Matemática
3. Ciências
4. Geografia
5. História
6. Artes
7. Educação física
8. Inglês
9. Ensino Religioso

Sendo que a educação religiosa, nos termos da lei, é uma disciplina obrigatória de matrículas facultativas no sistema público (art. 33 da LDB). A vida cidadã, através da articulação entre vários dos seus aspectos como: a saúde; a sexualidade; a vida familiar e social; o meio ambiente; o trabalho; a ciência; a cultura; as linguagens; consciência negra.

Os estudantes devem aprender a utilizar diferentes linguagens para comunicar-se com a vida através da linguagem: verbal, corporal, plástica, gráfica e matemática, o que possibilita ao indivíduo a manifestação de suas habilidades e capacidades para agir perante as coisas que estão relacionadas ao seu cotidiano. Sabendo-se que a nossa escola é um centro cultural, onde as inteligências múltiplas sejam identificadas e trabalhadas. Dentro da perspectiva visando criar uma escola direcionada para o aluno, onde haverá a fusão do conhecimento científico e popular.

A escola criará um convívio escolar de respeito, autonomia, solidariedade, desencadeando vínculos de confiança e práticas solidárias, para que o aluno tenha uma autoimagem de si próprio e valorize a diversidade humana.

Logo neste contexto escolar será integrada as práticas especializadas e diferenciadas dos múltiplos sujeitos envolvidos: educadores, administradores, educandos, servidores, técnicos, especialistas, comunidade, pais e etc. Nossa escola articulará e legitimará a integração de atividades próprias do trabalho pedagógicos, a interdisciplinaridade dos componentes curriculares, que fundamentam as decisões e medidas de cunho administrativo que precisam ser tomadas e executadas no contexto da vida escolar realizado com eficácia e qualidade o trabalho educativo.



Os educadores fazem estudos de aprofundamento continuado e de uma atualização constante em relação as diferentes orientações originárias a psicologia, antropologia, sociologia, Psico e sócio linguística e outras ciências humanas, sócias e exatas para aprimoramento de seus conhecimentos, alcançando sucesso em seu trabalho e nos resultados de aprendizado globalizado de seus alunos.

A escola efetivará um processo avaliativo mediador que é, por sua natureza, preventivo no sentido de uma atenção constante às dificuldades apresentadas pelos alunos; é cumulativo e não somativo, no sentido que os dados qualitativos e quantitativos se complementam, permitindo uma análise do aprendizado do estudante.

#### **4.1.4 Avaliação do Aproveitamento Escolar do Aluno**

Deverá ser oportunizada ao aluno do 1º ao 9º Ano, no mínimo três (3) formas de avaliação trimestral, cabendo aos professores utilizar diferentes instrumentos de avaliação. Como a escola trabalha com notas, atender às exigências do sistema de ensino, em uma instância maior, o ano letivo é dividido em 03 trimestres, distribuídos em 30, 30 e 40 com avaliações diferenciadas como trabalhos, simulados, provas e exercícios.

Todos os estudantes que apresentarem baixo rendimento escolar terão direito à recuperação paralela, trimestral e final. Os estudantes da EJA terão 2 bimestres por etapa com 3 avaliações somando 50 pontos em cada bimestre. Já a avaliação dos alunos especiais acontecerá através de relatórios, com conversão de notas e médias na pauta.

No Conselho de Classe Final, caso o aluno não atinja a pontuação de aprovação em até três disciplinas, o aluno poderá fazer uma avaliação com pontuação equivalente à média 100 com rendimento mínimo de 60 %, no mês de fevereiro do ano seguinte.

Os registros de desenvolvimentos dos alunos serão periodicamente comunicados aos pais, através de reuniões, correspondências, com apelo às observações da família quanto ao exposto pela escola.

Poderá a escola ainda, verificada a competência do aluno, promovê-lo de série independente do término do período letivo a partir do 3º ano, conforme consta o art. 135 da Res. CCE 1286/2006.

## 4.2 LÓCUS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida no município de Presidente Kennedy, localizado no Sul do estado do Espírito Santo, a cerca de 160 km da capital, Vitória. O município, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem uma área de 583.933 km, com uma orla de 16 km (IBGE) de onde vem a principal renda do município que é o petróleo arrecadando uma renda per capita (PIB) de R\$ 513.134.20. Este valor não muda a realidade do desemprego e o único meio derenda para as famílias que na maioria dos casos vem da prefeitura (PREFEITURA DE PRESIDENTE KENNEDY, acesso em 03 nov. 2019). Seus municípios vizinhos são: Itapemirim, Atílio Vivácqua, Mimoso do Sul e o estado do Rio de Janeiro.

Com base nas informações expostas no site da prefeitura, no que se refere ao quesito Educação, atualmente o município é considerado o terceiro mais bem avaliado no Estado, conforme indica o Ideb. Os dados divulgados pelo Ministério da Educação, referentes a 2015, assinalam que os investimentos municipais na área têm alcançado os objetivos e que desde 2013 a cidade é a que mais investe em Educação por aluno em todo o Espírito Santo, segundo dados do Anuário de Finanças dos Municípios Capixabas (média de R\$ 15 mil per capita na área, superando a meta nacional de seis pontos projetada para 2021).

Ainda de acordo com a Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy, a cidade investe no Programa do Desenvolvimento da Educação Superior e Técnico (Prodes), com bolsas de estudos para cerca de 900 kennedenses nas faculdades dos municípios vizinhos, além de pós-graduação e mestrado. Também em cursos de qualificação profissional, em parceria com o Sistema S, capacitando cerca de 1,3 mil pessoas por ano (PREFEITURA DE PRESIDENTE KENNEDY, acesso em 03 nov. 2019).

Dados fornecidos pela Secretaria de Educação do município mostram que a rede municipal de educação é composta por quinze unidades escolares de Ensino Fundamental I e Educação Infantil, sendo 14 localizadas na zona rural e uma na zona urbana; quatro Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's), sendo uma escola na zona urbana e três na zona rural. Conta ainda com três escolas polo, uma na sede e duas na zona rural, as quais ofertam da Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

## 5 DADOS E DISCUSSÃO

Aqui serão apresentados os dados coletados na pesquisa de campo, realizada na escola Vilmo Ornelas Sarlo, que está localizada no Município de Presidente Kennedy, litoral sul do estado do Espírito Santo.

A pesquisa foi realizada com um aluno do 5º Ano do Ensino Fundamental, que possui Síndrome de Down. A pesquisa gira em torno de apontar a importância da inclusão educacional do aluno com Síndrome de Down no município do pesquisado, expondo a realidade do ambiente educacional que este aluno se encontra edescrevendo as questões mais importantes a serem observadas à fim de garantir um progresso nas políticas educacionais para estudantes que carecem de atenção por serem portadores de necessidades especiais ou serem atípicos.

### 5.1 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Aqui serão expostos os dados da pesquisa realizada com os professores que trabalham com o estudante pesquisado. Foram selecionados 4 docentes para responderem um questionário de perguntas abertas. Dos 4 professores selecionados, 3 responderam às perguntas do questionário, permitindo uma análise bem próxima da objetivada no início da pesquisa.

Buscando facilitar a leitura dos dados e melhor apresentar os resultados da pesquisa, utilizou-se o sistema de tabelas, onde serão apresentadas as perguntas e as respostas dos docentes.

De forma a resguardar a identidade dos professores pesquisados, a identificação dos mesmos será de caráter alfabético, utilizando as letras A, B e C para identifica-los.

Tabela 1 - Há quanto tempo trabalha nesta escola?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>Há cerca de 11 meses.</i>
<b>B</b>	<i>1 ano</i>
<b>C</b>	<i>5 meses</i>

Percebe-se que todos os pesquisados trabalham há pouco tempo na instituição, principalmente se considerarmos o alto índice de profissionais decarreira

que existem no magistério. A questão revela, ainda, a oxigenação do corpo docente da instituição, o que pode ser uma abertura de portas para novos profissionais. Isso pode evidenciar a aproximação de jovens educadores, que receberam instruções mais atualizadas e mais condizentes com a necessidade atual do aluno.

É importante ressaltar que a educação especial é uma ciência nova, principalmente se formos comparar com as políticas educacionais trabalhadas na história recente. Historicamente, a pessoa com deficiência era tratada com desprezo, sendo despejadas em manicômios e sem receber o tratamento adequado. Políticas educacionais inclusivas são questões abordadas nos últimos 30 anos, e possuem uma incidência maior nos tempos atuais (PIMENTEL, 2012).

Tabela 2 - Você conhece algo sobre a Síndrome de Down?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>Sim. Que a Síndrome de Down é constituída por variantes de cromossomos...</i>
<b>B</b>	<i>A Síndrome de Down é constituída por variantes de cromossomos e a criança pode ter vários problemas de saúde.</i>
<b>C</b>	<i>Sim, conheço. A Síndrome de Down é constituída por variantes de cromossomos e a criança pode ter vários problemas de saúde.</i>

A questão evidenciou um conhecimento científico dos educadores acerca da Síndrome de Down. Esse conhecimento é de relevante importância em variadas situações, como por exemplo, quando a questão é levantada na sala de aula por alunos que não conhecem o transtorno, e se tratando da educação infantil, há que se considerar a curiosidade e trabalhar da maneira mais clara de acordo com a capacidade do aluno em compreender.

Importa lembrar que a pessoa com Síndrome de Down possui todos os sentidos, ela pode escutar, sentir, observar, como qualquer outra pessoa. O conhecimento científico em situações de dúvida, principalmente quando a pessoa com Síndrome de Down está incluída no convívio social, pode ser imprescindível para evitar constrangimentos. O educador que possui alunos com Síndrome de Down estará sempre convidado a conhecer um pouco mais sobre esta condição genética cromossômica (LOUREIRO, SANTOS, 2002).

Tabela 3 - Você vê a escola formulando práticas e caminhos que facilitem e otimizem a absorção de conteúdos para o aluno com Síndrome de Down nas aulas? Como? Quais ações?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>Sim. A escola conta com a sala de recursos multifuncionais, visando identificar, elaborar, e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, além de fornecer atendimento individualizado aos alunos com Síndrome de Down.</i>
<b>B</b>	<i>Sim. Atendimento especializado na sala de recursos e situações de aprendizagem diferentes.</i>
<b>C</b>	<i>Sim. Vejo a escola com seus professores oferecendo atividades que são aplicadas ao aluno na sala de aula, não havendo exclusão.</i>

Quando questionados se veem a escola formulando práticas e caminhos que facilitem e otimizem a absorção de conteúdos para o aluno com Síndrome de Down nas aulas, ambos responderam que sim. O resultado é muito satisfatório, principalmente quando relacionado com o objetivo da pesquisa, que é evidenciar a importância da inclusão do estudante com Síndrome de Down no ambiente escolar.

Os docentes ainda foram indagados sobre quais práticas e caminhos foram adotadas pela escola do pesquisado, dois apontaram a sala de recursos multifuncionais que é um programa que busca apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem.

De acordo com o Ministério da Educação, o programa disponibiliza às escolas públicas de ensino regular, conjunto de equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade para a organização do espaço de atendimento educacional especializado. Cabe ao sistema de ensino, a seguinte contrapartida: disponibilização de espaço físico para implantação dos equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos de acessibilidade, bem como, do professor para atuar no AEE (BRASIL, 2019).

A resposta do professor C chamou bastante atenção, principalmente quando fala da inclusão do aluno. Segundo Vygotsky (2000), as interações sociais auxiliam no desenvolvimento humano e sua participação sociocultural faz com que o ser humano se transforme e, por meio dessa interação, contribuem para uma construção

significativa para o indivíduo.

Tabela 4 - Você percebe os diferentes ritmos de aprendizagem na sala de aula? A que você atribuisse fato?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>Os diferentes ritmos de aprendizagem são próprios de toda sala de aula, todos os alunos apresentam realidades socioculturais, assim sendo o ambiente onde os mesmos vivem, é de suma importância e influência muita na aprendizagem escolar, no seu desenvolvimento, pois a maneira como a família e a comunidade se relaciona com o aluno, influencia na aprendizagem dele.</i>
<b>B</b>	<i>Sim. Com metodologias diversas.</i>
<b>C</b>	<i>Sim, percebo. Cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem, mas toda a orientação pedagógica para atividades específicas serem aplicadas, são dadas para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.</i>

Ambos os docentes percebem os diferentes ritmos de aprendizagem na sala de aula, muito disso se deve a individualidade humana, os diferentes meios formadores e as diferentes realidades que vivem os alunos. O professor A por exemplo cita uma questão trazida por Vygotsky (1997), acerca da interação do aluno com a sociedade que está ao seu redor, a formação constante se dá através do relacionamento com a comunidade e com a sociedade, e toda influência no processo de formação do indivíduo será levada em conta.

Questões referentes aos níveis de aprendizagem perpassam muito pelas condições do estudante em absorver o conhecimento em questão, mas principalmente às metodologias aplicadas em sala. A democratização do ensino requer um programa voltado para as necessidades de cada aluno, o que aparentemente acontece de maneira mais adequada com o sujeito com Síndrome de Down, que possui um regente preparado para lidar com suas dificuldades, mas infelizmente não acontece com os demais alunos, que mesmo possuindo limitações inferiores, acabam prejudicados pela ausência de flexibilidade dos planos educacionais.

Tabela 5 - Como você vê a criança com Síndrome de Down no seu processo de aprendizagem?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>Creio que seja possível vê-los a partir das potências apresentadas.</i>

<b>B</b>	<i>A criança com Síndrome de Down tem suas limitações, mas respeito e valorizo o seu tempo de aprendizagem.</i>
<b>C</b>	<i>O aluno é tranquilo e gosta de interagir nas suas atividades.</i>

Na Pergunta de número 5 (cinco) os docentes foram questionados como veem o aluno pesquisado no seu processo de ensino-aprendizagem. As respostas dos professores A e B apontam o encontro de dificuldades nesse processo, entretanto não se trata de um empecilho total, alegando que o aluno possui um avanço e consegue absorver no seu tempo o conhecimento trabalhado nas atividades.

As limitações são comuns entre os alunos com Síndrome de Down, entretanto é possível encontrar dificuldades de aprendizagem em todos os estudantes, resguardadas as individualidades de cada um. A condição do pesquisado é mais um ponto de limitação, dentre os inúmeros encontrados nos demais componentes da turma. Um fator que evidencia essa dificuldade são as recentes políticas educacionais para pessoa com deficiência, o que as tornam menos desenvolvidas que as outras.

As crianças com Síndrome de Down costumam apresentar déficits de linguagem que dificultam a alfabetização. A aprendizagem de leitura pelo método fônico (som da letra) pode não ser o mais indicado. Ao mesmo tempo, elas costumam ter boa memória visual (CAVALCANTE, 2000).

A resposta do professor C expõe o desejo do aluno em aprender, e esse desejo é a base para o desenvolvimento das políticas de inclusão, já que se trata de um ser humano com desejos e aspirações, e passível de inclusão educacional.

Tabela 6 - Na sua opinião, de que forma os educadores podem contribuir com práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>Os professores podem contribuir na forma de entendimento da criança, na intervenção nas relações com os colegas.</i>
<b>B</b>	<i>Com metodologias diversificadas.</i>
<b>C</b>	<i>Sempre se preparando profissionalmente para oferecer o melhor do ensino e aprendizagem ao aluno.</i>

A questão de número 6 (seis) abordou a opinião dos educadores acerca da contribuição do docente no processo de ensino-aprendizagem da criança com

Síndrome de Down. É evidente que os questionados abordam a formação como meio de se obter maior êxito nesse processo, já que são práticas extremamente novas, uma ciência muito instável devido as recentes pesquisas e experiências publicadas através de estudos e pesquisas no campo físico.

O pesquisado A aborda a interação do aluno com os outros colegas, a relação com o ambiente que o abriga nesse processo. É de extrema importância relatar que o aprendizado está em todo canto, independente do que se ensina, atos que podem passar despercebidos por alguns colaboram com o processo de conhecimento de outros, garantir o convívio social do aluno com Síndrome de Down é uma forma de prepara-lo para a vida em sociedade.

Por muito se cultuou a ideia do isolamento, já que é uma prática cultural antiga o isolamento de tudo aquilo que é diferente e desconhecimento, ainda se tratando da nossa cultura. Entretanto, já é possível observar que a pessoa com Síndrome de Down não é inválida e desprovida de anseios sociais, mas passível de preparo para a vida em sociedade e provida de dotes para se absorver o conhecimento que a ela é direcionado. Os empecilhos são apenas dificuldades como as que todas as outras pessoas possuem.

Tabela 7 - No quesito da inclusão escolar, qual a sua opinião?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>A inclusão escolar é importantíssima para a construção de uma sociedade mais justa, livre e igualitária, para a construção de novos e diversos saberes, para o respeito ao outro.</i>
<b>B</b>	<i>A inclusão escolar é presente e ganha força a cada dia.</i>
<b>C</b>	<i>Na minha opinião, a inclusão é bem-vinda, para assim o aluno se interagir sem exclusão.</i>

A questão de número 7 aborda a opinião dos docentes acerca da inclusão escolar do aluno. Dentre os professores pesquisados é possível identificar uma unanimidade acerca da importância da inclusão, que por muito foi motivo de debates na sociedade e um tabu a ser quebrado ao longo dos anos.

Foi muito comum, ainda no século atual, perceber o tratamento diferenciado como única forma de alfabetizar o aluno com Síndrome de Down. As políticas de inclusão na sala de aula comum são recentes e encontraram barreiras. A falta de conhecimento acerca da importância de se trabalhar a educação da pessoa com



deficiência no mesmo ambiente que se trabalha a educação da pessoa que não possui deficiência, levou alunos a não frequentarem o ambiente escolar ou a serem educados de maneira isolada, tendo seu convívio em sociedade castrado.

As justificativas para tal se davam em decorrência da tentativa de poupar o aluno com deficiência dos constrangimentos, o que na verdade acabou aumentando a exclusão da vida em sociedade e posteriormente, em situações de convívio, gerou um constrangimento ainda maior, tornando essas pessoas incapazes de sobreviver nos meios sociais sem depender dos seus familiares.

Tabela 8 - Você acredita que a família pode interferir no processo de ensino e aprendizagem do aluno com Síndrome de Down? Como?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>A família tem papel fundamental. Na relação com a escola.</i>
<b>B</b>	<i>A família tem papel fundamental no processo ensino-aprendizagem com estímulos, apoio e contribuições variadas.</i>
<b>C</b>	<i>Acredito que a família pode ajudar em conjunto com a escola para o desenvolvimento do aluno.</i>

A penúltima questão abordou a influência da família no processo de ensino-aprendizagem do aluno com Síndrome de Down e como a mesma pode atuar nesse sentido. As respostas demonstram que, na opinião dos pesquisados, a família é indispensável na execução desse processo, principalmente quando ela age em contribuição com a escola e apoia as práticas educacionais voltadas ao aluno com Síndrome de Down.

O papel da família, principalmente se tratando da educação especial, é um dos mais importantes, já que em um passado recente a grande maioria das famílias preferia isolar a pessoa com deficiência em casa. Essa prática ainda é comum, principalmente em regiões interioranas, onde o esclarecimento ainda não chega da maneira devida.

Historicamente, a ideia de pessoa com deficiência foi atrelada a ideia de pessoa inválida, sem finalidade ou não dotada de convívio social. Esse conceito foi extraído do conceito econômico, já que a sociedade histórica se pautou muito na capacidade que o ser humano possui de produzir, e a pessoa com deficiência com suas inúmeras individualidades e dificuldades frente as práticas educacionais padronizadas da época, não conseguia absorver como a maioria das pessoas o que

lhe era ofertado.

Segundo Hollerweger e Catarina (2014), ainda hoje, sob um sistema capitalista, a produção é exigida igualmente para todos. Os indivíduos e aqueles que não atendem às expectativas dos proprietários de produção são vistos como desviantes e as pessoas com deficiência estão incluídas nesta categoria. Esses valores levam a segregação de pessoas com deficiência. Estes, por sua vez, são considerados incapazes e fracos porque não se enquadram nos padrões de produção do sistema atual.

Tabela 9 - Qual sua maior dificuldade para lidar com as características da Síndrome de Down?

<b>Professor</b>	<b>Resposta</b>
<b>A</b>	<i>No início do trabalho, apresentei dificuldade em relação ao processo comunicacional, visto que a criança atendida não verbaliza. Precisei no caminho construir formas para uma comunicação mais efetiva.</i>
<b>B</b>	<i>A minha maior dificuldade é com a oralidade, as vezes não entendo.</i>
<b>C</b>	<i>Não vejo a Síndrome de Down como dificuldade, mas observo muito o aluno e as suas necessidades gerais, respeitando o espaço dele, e com cautela entrando no espaço do mesmo, para não afastar ou o constranger em seu desenvolvimento.</i>

Quando os docentes foram indagados acerca das dificuldades que possuem para lidar com as características da Síndrome de Down, dois dos professores pesquisados trataram a questão da comunicação como empecilho, já que a dificuldade em verbalizar é uma característica da pessoa com Síndrome de Down devido a sua comum perda auditiva.

Para Kumin (2017), crianças com síndrome de Down podem ter um dos dois tipos mais comuns de perda auditiva ou uma combinação dos dois: Perda auditiva condutiva. Ocorre quando algo impede que o som seja captado no ouvido externo e no ouvido médio, de modo que não possa ser bem transferido para o ouvido interno. Na maioria dos casos, o som é bloqueado por fluido no ouvido médio que pode ter se acumulado como resultado de infecção, alergia ou trompa de Eustáquio incorreta (a estrutura se assemelha anatomicamente ao tubo que conecta o ouvido médio à parte posterior do nariz).

Há também a perda auditiva flutuante, essa variável perda auditiva também influencia o desenvolvimento dos sons da fala, bem como o desenvolvimento das

terminações das palavras e da gramática. Se o seu bebê não consegue ouvir todos os sons com clareza, você tem dificuldade em compreendê-los. Se você não consegue ouvir todos os sons que compõem uma palavra, demorará muito para aprender a incluir todos os sons da palavra ao pronunciá-la. Muitas vezes, os sons finais das palavras (como terminações verbais e plural) são pronunciados com mais fluência. Portanto, muitas vezes as crianças com síndrome de Down pulam a pronúncia desses sons finais, o que está relacionado à perda auditiva. Na escola, se uma criança não escuta e responde bem às instruções do professor, o professor pensa que ela tem um problema de comportamento ou não é obediente, portanto, esteja ciente de que a perda auditiva pode ser um fator que dificulta a compreensão (KUMIN, 2017).

Já o professor C alegou não possuir dificuldades com as características da Síndrome de Down, talvez por ter sensibilidade e conhecimento suficiente para igualar as dificuldades encontrados em alunos que não possuem a Síndrome de Down com as dificuldades do aluno que possui.

Postos os dados colhidos do corpo docente que possui contato com o aluno pesquisado, é possível perceber que ambos compreendem a condição genética do aluno, compreendem a importância do trabalho, mas muitas das vezes não conseguem alcançar os objetivos devido a carência de políticas de formação.

É importante retirar a informação dessas respostas para compreender como acontece a educação da criança com Síndrome de Down no Município de Presidente Kennedy, que apesar de encontrar algumas limitações, ainda está a passos largos em comparação com regiões que não conseguem atender essa demanda.

## 5.2 ENTREVISTA COM O ESTUDANTE

Trata-se de um roteiro de entrevista com o estudante pesquisado. Este questionário busca compreender o cotidiano do mesmo em sala de aula, trabalhando as atividades diárias e quais práticas educativas podem ser inseridas ou melhoradas para a melhor absorção do conhecimento pelo mesmo.

O estudante tem 12 anos, e está em um processo de alfabetização bem inicial, pois o mesmo não verbaliza, tendo algumas dificuldades nesse sentido, se expressando através de gestos e expressões faciais. O trabalho com o aluno é

através de várias atividades lúdicas, como o alfabeto móvel, envolvendo vogais, seu nome, palavras, fichas de reconhecimento de animais e diversas gravuras, inclusive os números e a suas respectivas quantidades. No início do processo o aluno não conseguia verbalizar nem as vogais, porém hoje com o auxílio do professor e apontando para as letras o mesmo verbaliza as mesmas.

Tal entrevista foi realizada com o aluno através do auxílio de seu professor, já que o mesmo não verbaliza.

#### **A) Você gosta de ir para a Escola?**

***Resposta do estudante: Sim.***

A primeira pergunta aplicada ao pesquisado teve por objetivo aferir se ele se sente bem no ambiente escolar, se ele gosta de estar naquele ambiente. A resposta positiva do aluno evidencia uma série de coisas, desde a satisfação em estar em um ambiente diferente até a sensação em se sentir como os outros alunos, recebendo conteúdo educativo.

Fazer com que o estudante sinta-se útil, importante e parte daquele meio que ele está inserido faz parte do processo de inclusão. A resposta foi muito simples, talvez evidencie de forma resumida o sentimento do mesmo, não excluindo ainda as dificuldades e barreiras encontradas, mas de uma forma geral demonstra que o mesmo se sente parte de um meio que por muito foi reservado a pessoas que não possuíam as suas condições.

#### **B) Como se relaciona com os colegas? Qual tipo de colega que você mais se aproxima? Por quê?**

***Resposta do estudante: Sim. Com todos.***

O relacionamento com os colegas pode expor como o aluno pesquisado se sente em relação ao convívio com outras pessoas, parte importante do processo de inclusão e objetivo maior da educação inclusiva de alunos com Síndrome de Down.

A resposta do aluno foi “sim”, resposta que foge do padrão da pergunta descrita no questionário, mas que foi editada pelo professor regente, na finalidade de aumentar a compreensão do pesquisado e obter da melhor maneira possível a resposta. Ele também indica que se aproxima de “todos” os colegas, evidenciando

um ambiente acolhedor, o que torna a atividade ainda mais vantajosa. Porém a segunda resposta para a questão evidenciar a realidade, já que o aluno parece se resumir em respostas mais fáceis todo o sentimento que possui em relação aos questionamentos.

Entretanto, a indicação positiva corrobora com a proposta de que incluir é o melhor caminho, e expõe a necessidade de se trabalhar com mais empenho nas políticas educacionais de inclusão.

De acordo com Pimentel (2012), Crianças com síndrome de Down que aprendem com colegas não deficientes beneficiam não apenas a si mesmas, mas também a outros alunos na escola. Pesquisa recente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) constatou que crianças que estudaram com seus colegas com deficiência desenvolveram atitudes positivas relacionadas à tolerância, respeito ao próximo e abertura ao diálogo em grau muito maior do que aquelas que conviveram em ambientes mais homogêneos.

### **C) Qual disciplina possui mais interesse? E menos? Por quê?**

***Resposta do estudante:*** Todas.

Novamente o estudante parece ter dificuldades em esclarecer o por quê das suas respostas, a dificuldade em verbalizar reduz essa condição do aluno, mas quando geral demonstra ter interesse por todas as disciplinas. Essa resposta também evidencia a satisfação do mesmo em estar no ambiente educacional, incluído no mesmo processo que os outros alunos.

Entretanto, o aluno demonstra maior interesse pelas atividades lúdicas, que certamente proporcionam-lhe um maior aprendizado acerca do que se é trabalhado em sala de aula. A disciplina de artes, por exemplo, aposta no lúdico com mais frequência que as outras disciplinas, e isso pode indicar uma resposta mais detalhada.

### **D) Algo interfere na sua mudança de comportamento na Escola? E no aprendizado? Ex. barulho, conversa paralela etc. Consegue identificar algum fator no ambiente (humano ou material)?**

***Resposta do estudante:*** Sim. As mudanças de rotina na escola, como

*contatos com pessoas diferentes, por exemplo.*

Essa resposta do estudante pesquisado se comunica com a primeira resposta do questionário aplicado aos educadores, já que o professor mais longo na instituição possui um ano de trabalho na mesma, o que pode representar uma quebra de ciclos, mas que de uma certa forma insere o pesquisado em uma outra realidade humana, que é a rotatividade de convívios e a substituição das pessoas que estão ao seu redor.

As rotinas adotadas no ambiente escolar, principalmente quando relacionada a educação da pessoa com Síndrome de Down, que por se tratar de prática recente e ainda modificada, são instáveis. A construção do processo educativo evidencia questões como essas, que certamente se tornarão mais estáveis quando as barreiras estiverem superadas.

Assaf (2017), traduz a questão da interação em diferentes formas do aluno com Síndrome de Down e trata a rotatividade de políticas e práticas como benéficas quando estimula o aluno a lidar com a sociedade em sua essência, entretanto superar as dificuldades e construir bases mais sólidas tornará as políticas educacionais voltadas a criança com deficiência mais eficaz, ainda mais que elas produzem efeito na sociedade, propondo que a inclusão deve acontecer de forma natural.

**E) Costuma perguntar quando sente dificuldade em algum conteúdo? Como acontece?**

***Resposta do estudante:*** *Sim. Usando expressões de dúvidas, pois não ocorre a verbalização, porém bastante expressões faciais e gestos.*

A resposta dessa questão foi traduzida pelo professor regente de acordo com o cotidiano do aluno no ambiente escolar. Trata-se de uma maneira de reclamar atenção e cobrar esclarecimentos.

O pesquisado encontrou nas expressões faciais e gestos o meio de comunicação mais eficaz para demonstrar suas dificuldades, o que requer preparo e sensibilidade do corpo docente envolvido na educação do mesmo, principalmente para compreender as necessidades do aluno naquele momento. Trata-se de uma política em desenvolvimento, mas necessária, que visa garantir a melhor absorção da pessoa com Síndrome de Down no ambiente educacional.

Um estudo no Reino Unido com 400 famílias para investigar experiências com educação inclusiva sugere que, para apoiar um aluno com SD, o professor deve: Oferecer a eles acesso ao currículo normal, encorajar sua independência, promover e encorajar a cooperação com outros colegas de classe (LUIZ et al., 2008).

**F) Se sente constrangido em alguma situação na Escola? Qual?**

**Resposta do estudante:** *Sim. Devido à falta de costume com algumas pessoas, no momento em que acontece o contato com as mesmas, há o constrangimento. Um exemplo é do momento em que a professora/pesquisadora Brunela chegou para fazer a pesquisa, houve o constrangimento. Depois houve um ótimo entrosamento. Assim acontece em outras situações.*

O estudante pesquisado expõe o constrangimento quanto a abordagem de pessoas desconhecidas. Trata-se de um processo comum entre pessoas que não possuem tantos contatos humanos. Também é necessário tratar a questão do preparo para se abordar sem constranger, já que a sociedade costuma tratar com estranheza a pessoa diferente, e isso causa além do constrangimento uma sensação de diferença, o que pode ser prejudicial no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Skotko (2009), a abordagem deve ser humanizada e focada no indivíduo, não em sua condição genética. Esta criança vai crescer, se desenvolver, sonhar e ser o herói de sua história. O papel do profissional será ajudar a descobrir o potencial máximo de uma pessoa, não para impor restrições, mas para abrir horizontes para uma vida plena e saudável.

**G) Como você percebe os colegas que tem mais ou menos facilidade de aprendizagem que você?**

**Resposta do estudante:** *Acontece de colegas de sala de aula terem mais ou menos dificuldades do que eu.*

O estudante expressa o conhecimento acerca das dificuldades que possui, e também expõe uma condição comum entre os colegas de classe. É possível perceber quando as dificuldades são aparentes, entretanto muitas dificuldades ficam

ocultas, o que reduz a capacidade de absorção de conhecimento por parte dos alunos. O trabalho de inclusão deve girar em torno de expor essas dificuldades e trabalha-las com afinco, visando desenvolver práticas educacionais que assupere.

Como já foi dito, as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem não estão relacionadas somente a condição do aluno diferente, mas todos os estudantes possuem suas diferenças e dificuldades, baseadas não somente em suas condições de indivíduo, mas também na elaboração pouco democrática dos planos de aula e nas atividades empregadas (PIMENTEL, 2012).

É importante ressaltar que o sentimento de capacidade do aluno auxilia na inclusão do mesmo no processo. Quando ele sente que não é somente ele que possui dificuldades no processo educacional, isso facilita na inclusão dessa pessoa na sociedade, alimentando suas necessidades, mas encorajando-o a continuar.

#### **H) Você acha que acompanha o ritmo da turma?**

***Resposta do estudante:*** Não.

Quando o pesquisado é questionado se acompanha o ritmo da turma, ele diz que não, expondo uma face da ausência das políticas educacionais para pessoas com Síndrome de Down no decorrer dos anos. As práticas e políticas voltadas a esse público seguem em desenvolvimento, elas agem no intuito de igualar a capacidade do aluno com dos outros alunos, reduzindo as diferenças causadas pela condição genética.

As políticas de cuidados e inclusão, com enfoque na humanização do tratamento são parte do processo de inclusão, fazendo com que o aluno se sinta cada vez mais parte do meio que está habitando.

As recomendações sobre o cuidado de crianças com Síndrome de Down são fornecidas por meio de Políticas do Ministério da Saúde, como Política Nacional de Humanização. Assim, ainda que os pressupostos teóricos da clínica ampliada, integralidade e cuidado compartilhado, com ênfase na humanização, autonomia e protagonismo itens durante as práticas de saúde, preste atenção especial a essas crianças porque, *“Sua visão do mundo é diferente da de outras crianças”* (BRASIL, 2017).

O sentimento de atraso do estudante também se deve ao tratamento que é dispensado ao mesmo no decorrer das aulas. Por ser necessário um professor



regente, talvez o mesmo sinta-se distinto dos demais que não possuem esse tratamento. Porém a necessidade de incluir o aluno no processo de ensino-aprendizagem em contato com os outros requer uma ciência mais elaborada, e a presença de um profissional especializado em educação especial reduz a deficiência do programa educacional que nem sempre abrange todos os estudantes e suas diferenças.

**l) O que você acha que poderia facilitar o seu processo de aprendizagem na Escola?**

**Resposta do estudante:** *Através do ensino com jogos e atividades lúdicas, comoque já tenho.*

O estudante pesquisado demonstra satisfação com as atividades utilizadas em sala de aula, atividades lúdicas, que facilitam a absorção do conhecimento do mesmo e transmitem a realidade de uma forma diferente da convencional.

Trata-se de um processo de democratização do ensino, já que abrange a individualidade do ser no processo educacional, avultando a necessidade de práticas correlatas para se alcançar a melhor qualidade do ensino. Cada ser possui inúmeras singularidades, e por isso precisa ser atendido da maneira que melhor absorve o conhecimento na proposta de formação humana.

Segundo Andrade e Limongi (2007), o desenvolvimento cognitivo de crianças com síndrome de Down ocorre como em uma criança normal, mas é mais lento e retardado. Uma criança com esta síndrome tem melhor compreensão do que expressão e, devido às dificuldades com a linguagem falada, os gestos, bem como o contato visual e o sorriso podem ser úteis e servir como um importante meio de comunicação

A utilização do lúdico como forma de interação também é resultado das dificuldades auditivas que geralmente são características da pessoa com Síndrome de Down, pois a utilização de imagens, além de chamar a atenção do estudante, facilita no reconhecimento de objetos e auxilia nos inúmeros processos aplicados em sala de aula.

Portanto, o aluno expressou nas respostas da pesquisa condicionantes que favorecem e desfavorecem seu processo de ensino-aprendizagem. Porém é possível notar a satisfação do mesmo em estar incluído no meio educacional. É fato que historicamente as pessoas com Síndrome de Down eram tratadas com extrema

diferença, e já foram taxados em certos momentos da história como seressem alma, entretanto os avanços das políticas de inclusão e a formação de profissionais capazes de trabalhar essas questões, facilitou a alteração dessa realidade.

### 5.3 RODA DE CONVERSA COM OS PROFESSORES

A proposta para a roda de conversa com os professores foi uma forma de investigar junto aos professores a importância do brincar no desenvolvimento integral da criança com Síndrome de Down. As respostas obtidas através da proposta inicial foram um conjunto de consensos entre os docentes participantes da pesquisa, que através dessa atividade expuseram suas experiências.

#### 1. **Abertura:** Realização de boas vindas

Solicitar aos participantes da roda de conversa que durante a realização da mesma seja evitado ao máximo o uso de redes sociais e aparelhos celulares. Inicialmente, cada participante irá expor suas opiniões individualmente, sendo respeitado o direito a fala.

#### 2. **Apresentação do tema:** A educação da criança com Síndrome de Down

O brincar, associado à educação, desempenha o papel de recurso pedagógico, e sua função é apoiar o processo ensino-aprendizagem e facilitar a assimilação dos conteúdos. A contribuição dos jogos e brincadeiras para a construção do conhecimento a partir da sua utilização no processo ensino-aprendizagem é grande, principalmente nas classes primárias, sua eficácia e eficiência ainda são discutidas no ambiente escolar.

#### 3. **Atividade 1:** Solicitar que os professores falem a respeito de como desenvolvem formas didáticas diferenciadas com a utilização do lúdico em suas turmas. A narrativa abaixo foi marcante para a nossa pesquisa:

*Em relação ao trabalho com as formas didáticas diferenciadas relacionadas ao lúdico, como o aluno tem dificuldades na coordenação motora fina, temos trabalhado*

*com instrumentos que favorecem essa aquisição da coordenação motora, e em contrapartida também temos trabalhado com o alfabeto móvel, jogo da memória, sílabas móveis, etc. Sendo assim ocorre o desenvolvimento educacional do aluno para a construção de nomes, palavras, frases, etc.*

- 4. Atividade 2:** Pedir a opinião dos professores sobre o brincar. Se eles acham que a brincadeira envolve os alunos contribuindo para o seu desenvolvimento integral. Destacamos uma narrativa marcante na roda de conversa:

*Em relação ao brincar, cremos que seja fundamental, pois é onde o aluno trabalha com a imaginação, com a relação com os colegas, enfim. E com certeza o brincar envolve a criança no ensino e aprendizagem, pois o mesmo é quase nato da criança, apesar do mesmo também ser ensinado. É importantíssimo o trabalho com a brincadeira, com o brincar.*

- 5. Atividade 3:** Pedir que os professores compartilhem as brincadeiras e ou atividades realizadas com seus alunos.

*Sobre as brincadeiras com o aluno PNEE, as formas diversificadas envolvendo o boliche e músicas principalmente, são as principais ou adequadas no momento, pois o mesmo gosta muito, devido também haver uma banda musical na sala de recursos, envolvendo a ideia de som, ritmo, movimento, já que o aluno não verbaliza. Cremos que a música em parceria com um fonoaudiólogo(a) seja algo na prática educativa para começar a desenvolver a questão da fala e da verbalização do aluno.*

- 6. Atividade 4:** Solicitar que os professores relatem sobre quais atividades os alunos se sentem mais motivados durante as aulas.

*O aluno participa ativamente de todas as atividades, porém quando o lúdico ou a brincadeira são trabalhados, sem sombra de dúvidas a criança se envolve mais. Mas de maneira geral o aluno se dedica em todas as atividades aplicadas as mesmas.*

- 7. Encerramento:** Solicitar que cada participante deixe sua opinião a respeito da temática da pesquisa.

*É uma pesquisa importantíssima para o rendimento educacional dos alunos e alunos PNEE, também pelo fato de as crianças estarem afastadas durante muito tempo da vida escolar devido a pandemia e muitas famílias as manterem reclusas, não tendo esse espaço de inclusão, e recentemente terem retornado, a escola se mantém mais aberta. Toda pesquisa educacional com métodos que venham a contribuir para o desenvolvimento educacional e social da criança, torna-se primordial para o trabalho do professor na escola.*

Assim, apresentando a proposta de aplicação da roda de conversa, fizemos uma proposição , provocação e legitimação para a inclusão dos estudantes portadores da síndrome genética Down, caracterizada pelo cariótipo 45A + XX( quando é uma menina) e 44 A + XY ( quando é um menino). Geralmente as síndromes não apresentam dimorfismo sexual, ou seja , diferenças entre os gêneros biológicos. A síndrome de Down apresenta essa peculiaridade.

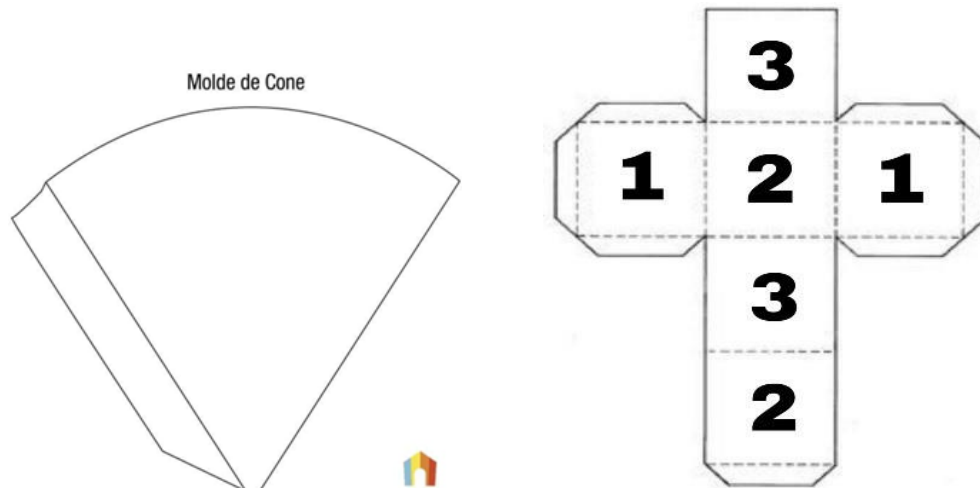
Percebemos o engajamento dos docentes no trabalho pedagógico de inclusão e ressaltamos a importância das relações que apresentam suas tessituras nesse contexto.

## 6 PRODUTO EDUCACIONAL

Foi desenvolvido um jogo de trilhas e de saberes essenciais para a aprendizagem do sujeito pesquisado e seus pares. O jogo consiste em uma estratégia para a alfabetização do estudante com Síndrome de Down, visando garantir a interação e a participação no ambiente escolar. **VIDE ANEXO VI**

Trata-se de um jogo de trilhas com 20 (vinte) casas contendo miniaturas de imagens distribuídas pelas casas. Anexo ao material está o recorte de um dado com numeração de 1 (um) a 3 (três), fora da padronização dos dados com numeração de 1 (um) a 6 (seis), mas buscando garantir o melhor aproveitamento do jogo com seu caráter educativo. Ainda anexo ao jogo, está o recorte de um cone, que será utilizado para marcar a casa sorteada pelo dado.





A estratégia do jogo é trabalhar a escrita através da identificação das imagens. O aluno foi direcionado a casa através do sorteio do dado, e será orientado a escrever o nome da figura em uma folha pautada.

Importante que as imagens sejam lúdicas e atrativas e sugerimos a inserção tecnológica para o jogo, a fim de incluir esse estudante na perspectiva da aprendizagem efetiva.

## MODELO DE JOGOS COM TRILHAS PARA ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dra Marcia Moreira de Araújo



Fonte da imagem: <https://www.forquilha.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/132814>

Ficha 1 -Como chamamos o ecossistema que pode ser considerado um berçário do mar ?

Pule duas casas , mais antes , imite o caranguejo

A saliva do caranguejo é rica em que tipo de nutriente?

Não acertou? Imite o peixinho que vai no manguezal desovar.

Qual o nome de uma espécie da fauna do Manguezal?

Que legal que você acertou!!! Avance 4 casas e desenhe a árvore do manguezal .

Qual o nome da ave branca que adora pescar e fazer ninho no manguezal ?

Não acertou? Imite a garça que dorme e faz ninho no manguezal.

OBS: Outras fichas podem ser elaboradas a medida que o educador ou a educadora coloque seus conhecimentos locais para a aprendizagem do estudante.

Ao tratarmos da dinâmica do uso de jogos pedagógicos para crianças com deficiência intelectual e a síndrome de Down, que a pesquisa refere-se pode-se, Mezdari (2017) nos alerta que, tanto nestas circunstâncias como em demais processos de inclusão educacional, com a produção e uso de jogos computacionais <sup>5</sup>significativos, criativos e interativos, garantir processos de ensinagem<sup>5</sup> mais duradouros e contínuos, pois são, como veremos nos anunciados a seguir, materiais de acessibilidade elaborados a partir de adaptações que contagiam em cores, movimentos, ilustrações e sons abrangendo, de várias maneiras, estudantes com diversas necessidades

No caso de interdisciplinaridade entrar em questão, trata-se de um assunto de extrema relevância , uma vez que o estudante passará a conhecer o ambiente para cuidar do mesmo e a aprendizagem das palavras ocorrerá de um modo natural.

## ETAPAS DE APLICAÇÃO DO JOGO PROPOSTO PARA O ESTUDANTE

*“Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse*

<sup>5</sup> Termo usado por Freire (1999), unindo e significando o ensino e a aprendizagem, como processos simultâneos



sorriso Porque já  
chorei demais  
Hoje me sinto  
mais forte Mais  
feliz, quem sabe  
Só levo a  
certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei”.

*Almir Sater*







Fotos do aluno trabalhando o produto educativo  
Fonte: A pesquisadora



Trata-se da inserção do lúdico como instrumento de alfabetização, buscando garantir a construção de um meio eficaz que leve o aluno ao aprimoramento da escrita através da identificação de imagens.

### **Aluno PNEE Síndrome de Down do 5º Ano das séries iniciais: Melquisedeque Serrano Ferreira**

A utilização do nome do aluno foi autorizada pelos responsáveis legais (ANEXO III) e pela instituição escolar (ANEXO IV).

\*OBS: O aluno tem 12 anos, e está em um processo de alfabetização bem inicial, pois o mesmo não verbaliza, tendo algumas dificuldades nesse sentido, se expressando através de gestos e expressões faciais. O trabalho com o aluno é através de várias atividades lúdicas, como o alfabeto móvel, envolvendo vogais, seu nome, palavras, fichas de reconhecimento de animais e diversas gravuras, inclusive os números e a suas respectivas quantidades. No início do processo o aluno não

conseguia verbalizar nem as vogais, porém hoje com o auxílio do professor e apontando para as letras o mesmo verbaliza as mesmas.

- Perguntas para o jogo de trilhas, envolvendo a ludicidade, alfabeto móvel, jogos, fichas, etc. já que o aluno não verbaliza:
  1. Pronuncie as vogais.
  2. Escreva a palavra casa.
  3. Escreva o seu primeiro nome, usando o alfabeto móvel. 4- Qual é o animal que aparece na figura?
  4. Aponte para a figura que aparece o sapo.
  5. Dentre os animais das figuras, aponte a vaca.
  6. Organize as figuras de acordo com a sua forma.
  7. Selecione os carrinhos correspondentes ao número demonstrado. 9- Encaixe os pinos no numeral 5.
  8. 10-Dentre as fotografias, aponte quem é você.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa muitas dificuldades foram encontradas, como por exemplo o fato do aluno não verbalizar e a dificuldade em compreender suas respostas. A falta de interesse de alguns profissionais em colaborar com a pesquisa também contou, e o número de pesquisados na área da docência ficou abaixo do esperado, porém trata-se de uma questão com inúmeras ramificações, e que pode ser superada com o apoio e incentivo a pesquisa.

Dentro dos objetivos desta dissertação foram expostas inúmeras propostas para se aferir os principais desafios e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem do aluno com Síndrome de Down. Felizmente os resultados são mais positivos que negativos.

Quando a pesquisa se voltou para o corpo docente que tem contato com o aluno pesquisado, foi possível identificar que ambos dos professores possuem conhecimento técnico acerca da Síndrome de Down, além das dificuldades que um aluno com essa condição possui. Isso facilitou no decorrer da pesquisa, já que foi possível identificar as reais dificuldades do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Quando a pesquisa passou para o pesquisado, a maior dificuldade foi encontrada, pois a tradução das respostas nem sempre correspondiam o que se buscava com as perguntas. A monotonia acabou prejudicando alguns pontos do processo investigatório, entretanto, foi possível supor em algumas situações, através do que foi coletado, a tentativa do aluno em comunicar algumas questões. A aplicação do produto educativo foi de extrema importância, já que evidenciou mais uma vez uma prática eficaz de alfabetização. O lúdico se tornou um alicerce para superar as dificuldades impostas pela condição genética do pesquisado, aumentando a lista de recursos utilizáveis no processo de interação do aluno no ambiente escolar.

Foi possível notar que o aluno recebe a atenção devida dos professores e principalmente do seu regente, e que o processo de interação do mesmo ocorre de maneira mais produtiva quando ele está inserido nas mesmas atividades que os demais alunos, reforçando a ideia de que é preciso incluir para prosperar, e que os benefícios são bilaterais, aumentando a capacidade do pesquisado em lidar com a sociedade como um todo, e dos outros alunos na compreensão acerca da condição

genética da pessoa com Síndrome de Down e sobre as variadas formas de humanização de tratamento.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ARANTES, D. R. B., NAMO, D., MACHADO, M. A. S. **Contexto histórico e Educacional da Pessoa com deficiência no Brasil e no Estado de São Paulo**. In:
- ALMEIDA, M. A. (org.). **Deficiência intelectual: realidade e ação**. São Paulo. Secretaria da Educação. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE. São Paulo: SE, 2012. 153 p.
- ASSAF, D. L. **A escolarização do Aluno com Síndrome de Down e p Ensino Especializado**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, 2017.
- BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. LDB 5692-11/0871**, Brasília: Gráfica do Senado, 1971.
- CANVA. **Canva. Design para todos**. Disponível em: [com/design/DAD69LkUSQM/NyCopSy1dihEeu2nDNBPCQ/edit](https://www.canva.com/design/DAD69LkUSQM/NyCopSy1dihEeu2nDNBPCQ/edit). Acesso em: 31 de maio 2020.
- CARNEIRO, K. C. O; **O processo de inclusão de uma criança com Síndrome de Down na educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar: UNESP, 2010.
- CARVALHO, A. M. de A.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. Extensão Média do Enunciado em Crianças Brasileiras: estudo comparativo entre Síndrome de Down, distúrbio específico de linguagem e desenvolvimento típico de linguagem. **CoDAS[online]**, 2014, São Paulo, v.26, n.v3, p. 201-207
- COMIN, B.C; **Atividades estimuladoras de leitura e escrita em estudantes com Síndrome de Down**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Especial: UFSCAR, 2013.
- COSTA, D. S; **A mediação de professores na aprendizagem da língua escrita de alunos com Síndrome de Down**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação: UFBA, 2011.
- CUNHA, A. M. F. V; BLASCOVI-ASSIS, S. M; JUNIOR, G.A.F. Impacto da notícia da síndrome de Down para os pais: histórias de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2010, v. 15, n. 2, p. 444-451.
- DIAS, I. R; **O bebê com síndrome de down: um estudo no centro de educação**

**infantil criarte-UFES**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação: UFES, 2015.

FAÇANHA, L. S.; FAHD, W. C. B. A educação especial inclusiva a partir da defectologia de Vygotsky. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 25, p. 113-133, 2015.

FERREIRA, A. T.; LAMÔNICA, D. A. C. Comparação do Léxico de Crianças com Síndrome de Down e com Desenvolvimento Típico de Mesma Idade Mental. **Rev. CEFAC**, Campinas, v. 14, n. 5, p. 786-791, set./out. 2012. ISSN 1516-1846.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Ed. Paz e Terra, 23 Edição. Rio de Janeiro, 1999.

LOUREIRO, M. A. R.; SANTOS, M. D. de J. M. **Educação Especial**: Inclusão do deficiente auditivo em turmas regulares. 2002. 40 f. Trabalho Conclusivo de Curso (Área Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas e Educação da UNAMA, Belém. Disponível em: < <http://www.nead.unama.br>>. Acesso em: 12 out. 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUIZ, F. M. R.; BORTOLI, P. S.; NASCIMENTO, L. C. e FLORIA-SANTOS, M. A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 14(3), 497– 508, 1998.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUES, A. N; **Escolarização de aluno com síndrome de Down na escola : um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial: UFSCAR, 2016.

MENDES, E.G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 387-405, set./dez. 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ; Vozes. 2002.

MOREIRA, L. M.; EL-HANI, C. N.; GUSMÃO, F. A. F. A Síndrome de Down e sua Patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 96-99, jun. 2000.

MOREIRA, H. F. M.; MICHELS, L. R.; COLOSSI, N. **Inclusão educacional para pessoas portadoras de deficiência: um compromisso com o ensino superior**. Disponível em: <<http://www.taua.ce.gov.br>>. Acesso em: 3 out. 2009.

MUNIZ, H. S; **O educando com Síndrome de Down: um estudo sobre a relação entre pais e profissionais na escola regular**. Dissertação de Mestrado. Programade

Pós Graduação em Educação: UFRN, 2008.

OLIVEIRA, E. de F.; LIMONGI, S. C. O. Qualidade de Vida de Pais/Cuidadores de Crianças e Adolescentes com Síndrome de Down. **Rev.Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 321-327, dez. 2011.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M; MARTINI, F. O; LIPP, L. K. A inclusão de alunos com síndrome de down: discurso dos professores. **Fractal: Revista de Psicologia**, 2010, v. 22 – n. 1, p. 155-168.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis RJ: Vozes, 2010.

PIMENTEL, S. C. **Conviver com a Síndrome de Down na escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 190 p.

PREFEITURA DE PRESIDENTE KENNEDY. **Histórico de Presidente Kennedy**. Disponível em: <<https://www.presidentekennedy.es.gov.br/pagina/ler/1000/historia>>. Acesso em: 10 de jul. 2021.

RODRIGUES, C. M. S; **Ensino-aprendizagem de matemática para alunos com deficiência: como aprende o sujeito com síndrome de down**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação: UFES, 2013.

SAAD, S. N. **Preparando o caminho para a inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com síndrome de Down**. São Paulo: Vetor, 2003.

SILVA, I. G. **Vigotski, Defectologia e Processo Educativo**. Pleiade, 09(17): 77-82, 2015.

SUN, I. Y; FERNANDES, F. D. M. Dificuldades de Comunicação Percebidas pelos Pais de Crianças com Distúrbio do Desenvolvimento. **CoDAS [online]**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 270-275, jul./ago. 2014.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 1999.

TRENTIN, F. E; SANTOS, V. L. P. Aspectos Gerais da Síndrome de Down: uma visão biológica. **Cadernos da Escola de Saúde**, 2013, v. 1, n. 9, p. 15-31.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas – V. Fundamentos de defectología**. Madrid: Visor, 1997.

WERNECK, Cláudia. **Muito prazer, eu existo**: Um livro sobre as pessoas com



síndrome de Down. 2. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1993.

## APÊNDICE A

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA IDENTIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL

#### O PROFISSIONAL E A ESCOLA

- a) Há quanto tempo trabalha nesta escola?
- b) Você conhece algo sobre a Síndrome de Down?
- c) Você vê a escola formulando práticas e caminhos que facilitem e otimizem a absorção de conteúdos para o aluno com Síndrome de Down nas aulas? Como? Quais ações?
- d) Você percebe os diferentes ritmos de aprendizagem na sala de aula? A que você atribui esse fato?
- e) Como você vê a criança com Síndrome de Down no seu processo de aprendizagem?
- f) Na sua opinião, de que forma os educadores podem contribuir com práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down?
- g) No quesito da inclusão escolar, qual a sua opinião?
- h) Você acredita que a família pode interferir no processo de ensino e aprendizagem do aluno com Síndrome de Down? Como?
- i) Qual sua maior dificuldade para lidar com as características da Síndrome de Down?

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ALUNO

- a) Você gosta de ir para a Escola?
- b) Como se relaciona com os colegas? Qual tipo de colega que você mais se aproxima? Por quê?
- c) Qual disciplina possui mais interesse? E menos? Por quê?
- d) Algo interfere na sua mudança de comportamento na Escola? E no aprendizado? Ex. barulho, conversa paralela etc. Consegue identificar algum fator no ambiente (humano ou material)?
- e) Costuma perguntar quando sente dificuldade em algum conteúdo? Como acontece?
- f) Se sente constrangido em alguma situação na Escola? Qual?
- g) Como você percebe os colegas que tem mais ou menos facilidade de aprendizagem que você?
- h) Você acha que acompanha o ritmo da turma?
- i) O que você acha que poderia facilitar o seu processo de aprendizagem na Escola?
- j) O que mais gosta nas aulas? E o que menos gosta?

## APÊNDICE C - RODA DE CONVERSA

**Objetivo:** Investigar junto aos professores a importância do brincar no desenvolvimento integral da criança com Síndrome de Down

### **Abertura**

Realização de boas vindas

Solicitar aos participantes da roda de conversa que durante a realização da mesma seja evitado ao máximo o uso de redes sociais e aparelhos celulares. Inicialmente, cada participante exporá suas opiniões individualmente, sendo respeitado o direito a fala.

### **Apresentação do tema**

#### **A educação da criança com O brincar, associado à educação.**

Desempenha o papel de recurso pedagógico, e sua função é apoiar o processo ensino-aprendizagem e facilitar a assimilação dos conteúdos. A contribuição dos jogos e brincadeiras para a construção do conhecimento a partir da sua utilização no processo ensino-aprendizagem é grande, principalmente nas classes primárias, sua eficácia e eficiência ainda são discutidas no ambiente escolar.

#### **Atividade 1**

Solicitar que os professores falem a respeito de como desenvolvem formas didáticas diferenciadas com a utilização do lúdico em suas turmas.

#### **Atividade 2**

Pedir a opinião dos professores sobre o brincar. Se eles acham que a brincadeira envolve os alunos contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

#### **Atividade 3**

Pedir que os professores compartilhem as brincadeiras e ou atividades realizadas com seus alunos.

**Atividade 4**

Solicitar que os professores relatem sobre quais atividades os alunos se sentem mais motivados durante as aulas.

**Encerramento**

Solicitar que cada participante deixe sua opinião a respeito da temática da pesquisa.

## ANEXO I

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

Eu,

---

diretora responsável pela EMEIEF VILMO ORNELAS SARLO, concedo a autorização para a realização da pesquisa de campo, objeto do estudo/pesquisa intitulado(a) “A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY E.S.”, conduzida por Brunela Lima Borges do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré-ES, sob a supervisão da Prof. Dr<sup>a</sup>. Márcia Moreira de Araújo. Este estudo tem por objetivo discutir a inclusão do aluno com Síndrome de Down e como novas práticas podem ser adotadas a fim de garantir a melhor absorção de conhecimentos por parte do aluno. Tal pesquisa consistirá na aplicação de questionários semiestruturados a professores e ao aluno selecionado para a realização do estudo, além da coleta de informações e imagens durante a realização da pesquisa.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

---

Assinatura

## ANEXO II

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL

Eu,

---

responsável legal, nos termos da legislação vigente no Brasil, pelo aluno pesquisado em questão, aluno da EMEIEF VILMO ORNELAS SARLO, concedo a autorização para a realização da pesquisa de campo, objeto do estudo/pesquisa intitulado(a) “A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY E.S.”, conduzida por Brunela Lima Borges do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré-ES, sob a supervisão da Prof. Dr<sup>a</sup>. Márcia Moreira de Araújo. Este estudo tem por objetivo discutir a inclusão do aluno com Síndrome de Down e como novas práticas podem ser adotadas a fim de garantir a melhor absorção de conhecimentos por parte do aluno. Tal pesquisa consistirá na aplicação de questionários semiestruturados a professores e ao aluno selecionado para a realização do estudo, além da coleta de informações e imagens durante a realização da pesquisa.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

---

Assinatura

## ANEXO III

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL**

Eu, Rafaeli M. Derrone Ferreira  
responsável legal, nos termos da legislação vigente no Brasil, pelo aluno pesquisado em questão, aluno da EMEIEF VILMO ORNELAS SARLO, concedo a autorização para a realização da pesquisa de campo, objeto do estudo/pesquisa intitulado(a) "A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY E.S.", conduzida por Brunela Lima Borges do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré-ES, sob a supervisão da Prof. Dr<sup>a</sup>. Márcia Moreira de Araújo. Este estudo tem por objetivo discutir a inclusão do aluno com Síndrome de Down e como novas práticas podem ser adotadas a fim de garantir a melhor absorção de conhecimentos por parte do aluno. Tal pesquisa consistirá na aplicação de questionários semiestruturados a professores e ao aluno selecionado para a realização do estudo, além da coleta de informações e imagens durante a realização da pesquisa.

39 de Novembro de 2021

Rafaeli M. Derrone Ferreira

Assinatura



## ANEXO IV

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA**

Eu, Carmen Lúcia Custódio da Silva  
diretora responsável pela EMEIEF VILMO ORNELAS SARLO, concedo a autorização para a realização da pesquisa de campo, objeto do estudo/pesquisa intitulado(a) "A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY E.S.", conduzida por Brunela Lima Borges do Curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré-ES, sob a supervisão da Prof. Dr<sup>a</sup>. Márcia Moreira de Araújo. Este estudo tem por objetivo discutir a inclusão do aluno com Síndrome de Down e como novas práticas podem ser adotadas a fim de garantir a melhor absorção de conhecimentos por parte do aluno. Tal pesquisa consistirá na aplicação de questionários semiestruturados a professores e ao aluno selecionado para a realização do estudo, além da coleta de informações e imagens durante a realização da pesquisa.

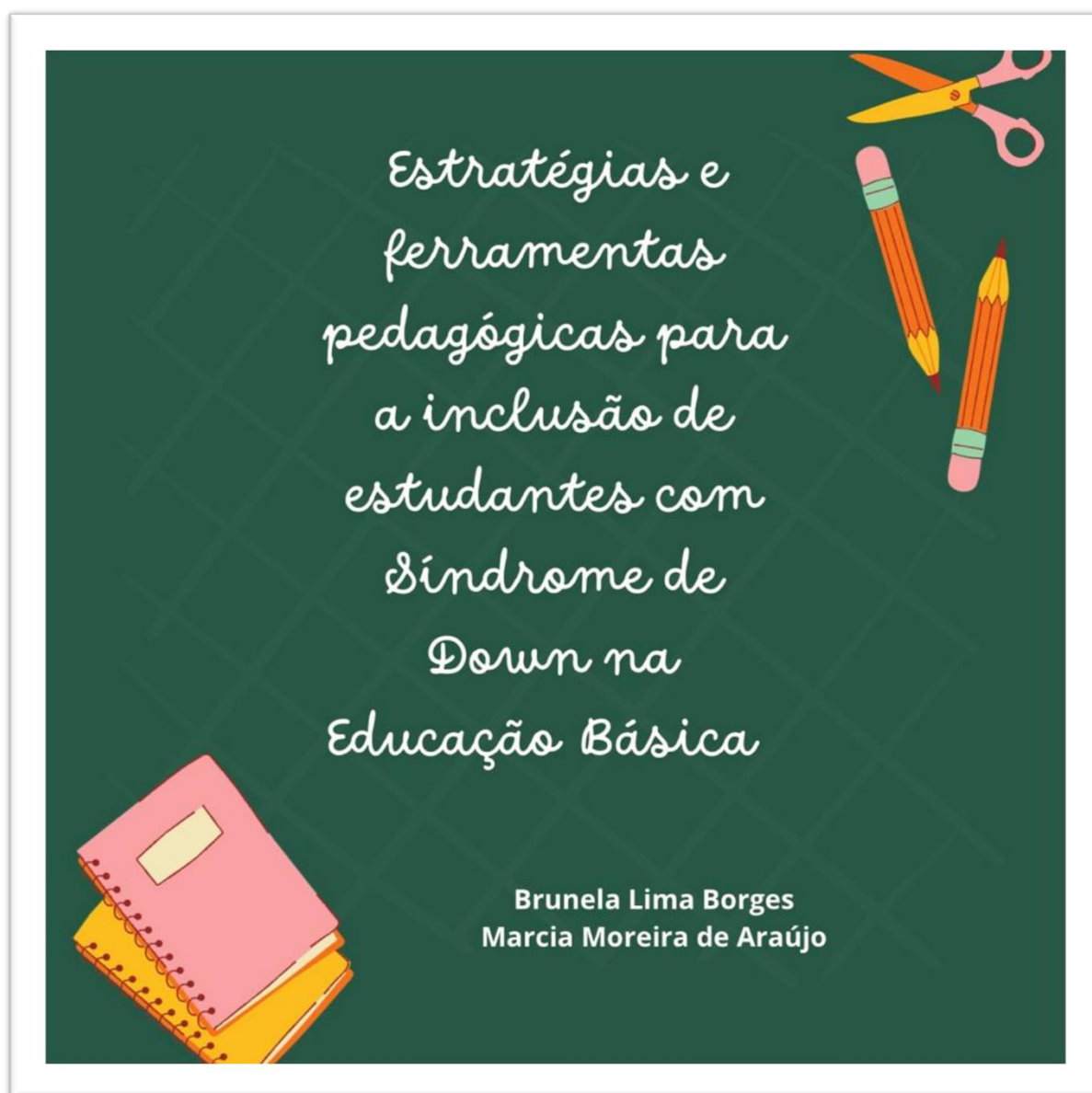
23 de novembro de 2021

Carmen Lúcia C. da Silva

Assinatura

Carmen Lúcia C. da Silva  
Diretora Escolar - P.K.  
DEC 100/2019

## ANEXO V – PRODUTO EDUCACIONAL PARA EDIÇÃO

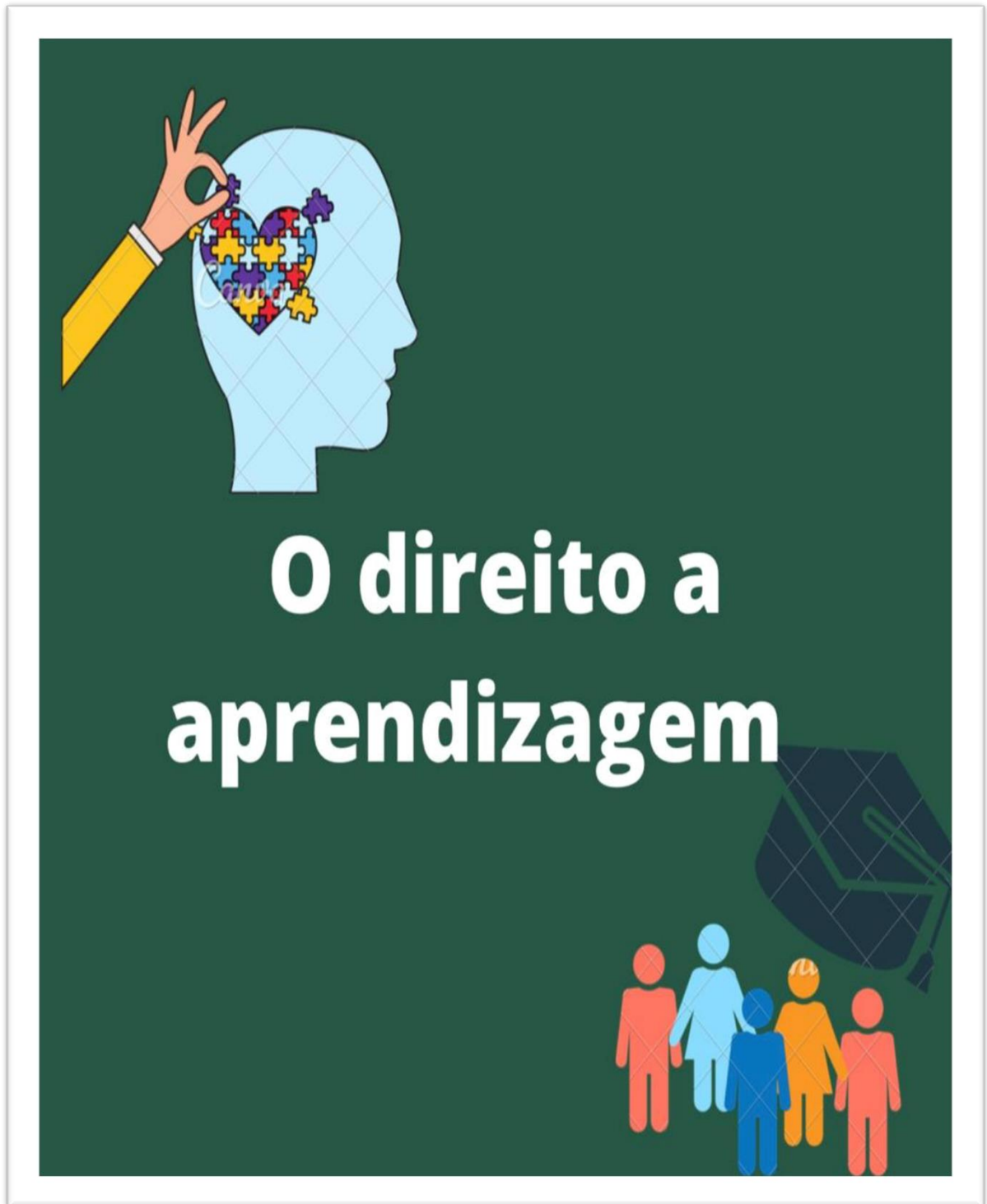




## PRODUTO EDUCACIONAL

Foi desenvolvido um jogo de trilhas e de saberes essenciais para a aprendizagem do sujeito pesquisado e seus pares. O jogo consiste em uma estratégia para a alfabetização do aluno com Síndrome de Down, visando garantir a interação e a participação no ambiente escolar.

Trata-se de um jogo de trilhas com 20 (vinte) casas contendo miniaturas de imagens distribuídas pelas casas. Anexo ao material está o recorte de um dado com numeração de 1 (um) a 3 (três), fora da padronização dos dados com numeração de 1 (um) a 6 (seis), mas buscando garantir o melhor aproveitamento do jogo com seu caráter educativo. Ainda anexo ao jogo, está o recorte de um cone, que será utilizado para marcar a casa sorteada pelo dado.

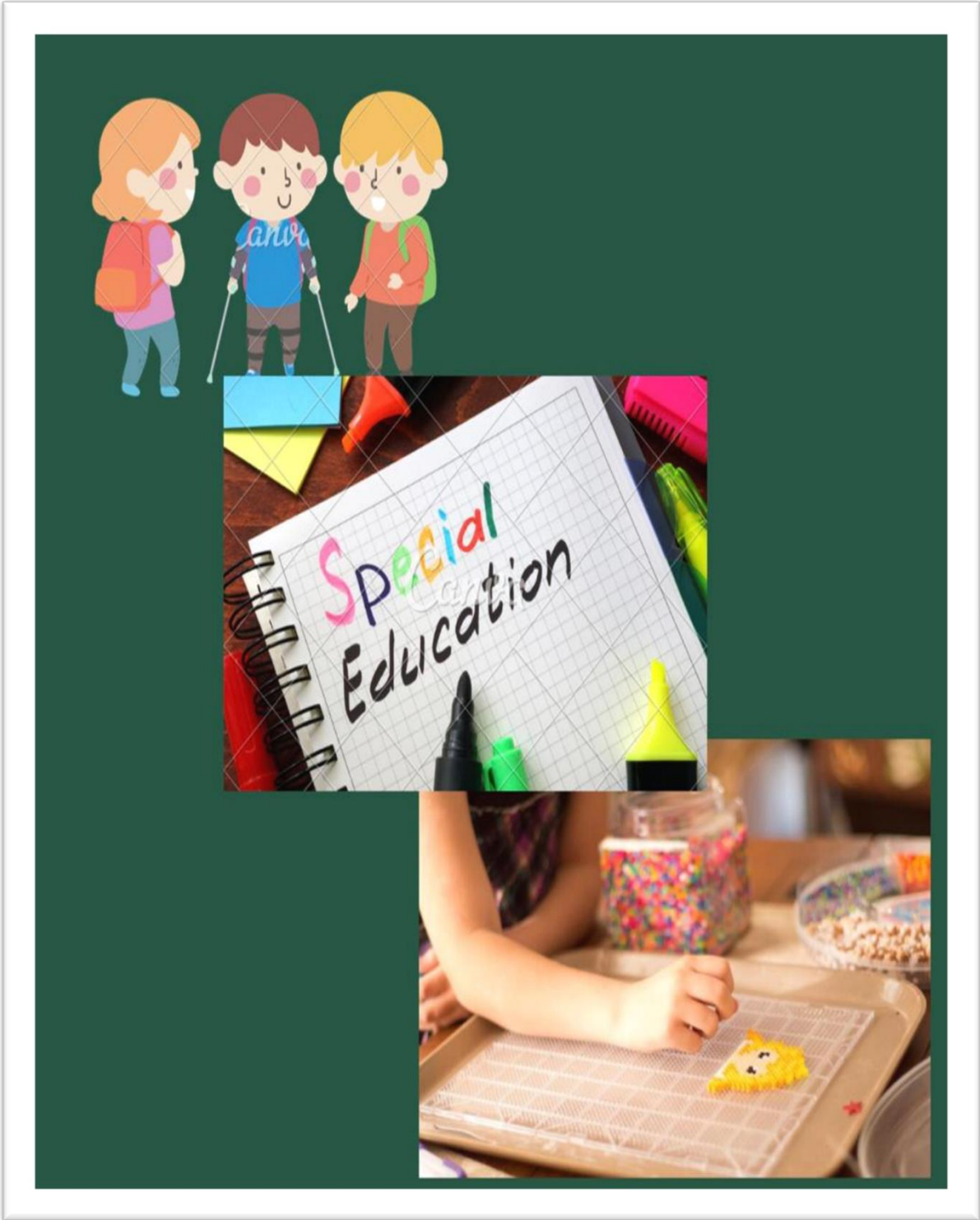




Vamos jogar e aprender ?









**Importante que as imagens sejam lúdicas e atrativas e sugerimos a inserção tecnológica para o jogo, a fim de incluir esse estudante na perspectiva da aprendizagem efetiva.**








## ETAPAS DE APLICAÇÃO DO JOGO PROPOSTO PARA O ESTUDANTE





“Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei”.

Almir Sater







• Perguntas para o jogo de trilhas, envolvendo a ludicidade, alfabeto móvel, jogos, fichas, etc. já que o aluno não verbaliza:

1- Pronuncie as vogais.

2- Escreva a palavra casa.

3- Escreva o seu primeiro nome, usando o alfabeto móvel.

4- Qual é o animal que aparece na figura?

5- Aponte para a figura que aparece o sapo.







6- Dentre os animais das figuras, aponte a vaca.

7- Organize as figuras de acordo com a sua forma.

8- Selecione os carrinhos correspondentes ao número demonstrado.

9- Encaixe os pinos no numeral 5.

10- Dentre as fotografias, aponte quem é você.





O lúdico se tornou um alicerce para superar as dificuldades impostas pela condição genética do pesquisado, aumentando a lista de recursos utilizáveis no processo de interação do aluno no ambiente escolar.



